

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

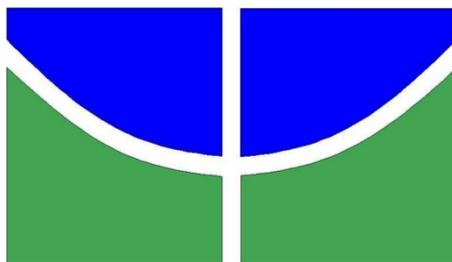
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: EXPERIÊNCIAS
PEDAGÓGICAS EM COMUNIDADES DO DISTRITO FEDERAL.**

STEPHANE CAROLINE DA COSTA DIAS

Brasília

2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

STEPHANE CAROLINE DA COSTA DIAS

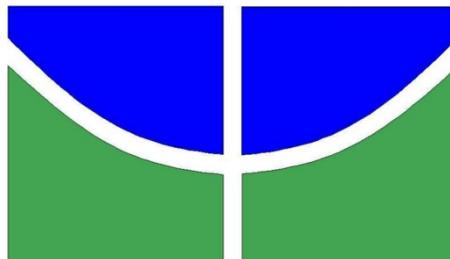
**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: EXPERIÊNCIAS
PEDAGÓGICAS EM COMUNIDADES DO DISTRITO FEDERAL.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília

2014



Monografia de autoria de Stephane Caroline da Costa Dias, intitulada: “Economia Solidária e Educação Popular: experiências pedagógicas em comunidades do Distrito Federal”, apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Brasília.

Profa. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Prof. Dr. Paulo Bareicha

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Prof. Dr. Nelson Inocêncio

Brasília, 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as esperançosas, que acreditam em si e na educação como combustíveis para a transformação da humanidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, por ser um referencial de princípios e valores em minha vida. Pelo seu amor incondicional e por acreditar no papel da educação na vida dos indivíduos.

A minha madrinha Thaís Berenice, por estar presente em todos os momentos acreditando e apostando no meu potencial.

A professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho, pelo apoio concedido durante o curso e por oportunizar e compartilhar seu vasto campo de conhecimento.

E, a todos os educadores que passaram em minha vida e contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

"Dificuldades transformam pessoas comuns em destinos extraordinários."

C.S Lewis

RESUMO

Economia Solidária e Educação Popular apresentam-se como duas categorias contemporâneas de análise que se unem pelas suas origens, intimamente associadas às resistências de grupos sociais às estruturas configuradas pelo sistema neoliberal. Os movimentos sociais constituíram o campo fértil de resistência e fortalecimento dessas categorias em especial, na América Latina. Tais movimentos foram perseguidos durante vários momentos históricos por se consubstanciarem uma ameaça à hegemonia dos Estados e do Capitalismo. As associações, cooperativas e ONG's simbolizam esta luta em prol dos oprimidos pela construção de uma sociedade menos segregadora e exploratória, seja criando estratégias para a inserção no mercado de trabalho por meio do comércio justo, seja reestruturando as relações pessoais por intermédio da solidariedade, cooperação e autogestão ambas situações representadas pela trajetória do grupo de costureiras de Sol Nascente- DF e da Associação Atlética de Santa Maria- AASM organizações estas acompanhadas durante a presente pesquisa que compõe este trabalho de conclusão de curso.

Palavras-chave: Economia Solidária, Educação Popular e Pedagogia Libertadora.

ABSTRACT

Solidarity Economy and Popular Education are presented as two contemporary categories of analysis that are united by their origins, closely associated with the resistance of social groups the structures set up by the neoliberal system. Social movements were the fertile field of resistance and strengthening of these categories in particular in Latin America. Such movements were persecuted during various historical moments by not accomplish a threat to the hegemony of states and capitalism. Associations, cooperatives and NGOs symbolize this struggle for the oppressed to build a less segregated and exploration company, is creating strategies for entering the labor market through fair trade, is restructuring the personal relationships through solidarity, cooperation and self-management both situations represented by the trajectory of the seamstresses of the Rising Sun-DF Athletic Association and the Santa Maria-AASM these organizations followed during this research that make up this work of completion.

Keywords: Solidarity Economy, Popular Education and Liberation Pedagogy.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE	12
MEMORIAL	12
SEGUNDA PARTE	21
CAPÍTULO1.....	21
REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA FORMA DE ECONOMIA À LUZ DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA	21
1.1 ORIGENS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA	21
1.2 PRINCÍPIOS E VALORES FUNDAMENTAIS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA	24
1.3 EDUCAÇÃO POPULAR LIBERTADORA: UMA FORMA DE EMPODERAMENTO E EMACIPAÇÃO SOCIAL	30
CAPÍTULO 2	38
EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS: O DIÁLOGO ENTRE ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR	38
2.1 UM RETRATO DE SANTA MARIA: POLO DE ATUAÇÃO DO PROJETO DE ECONOMIA SOLIDARIA E EDUCAÇÃO POPULAR	39
2.2 CONHECENDO E ME ENVOLVENDO NO MOVIMENTO SOCIAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E NO CAMPO FÉRTIL DA EDUCAÇÃO POPULAR	40
2.3 UM ENCONTRO INESQUECÍVEL	48
2.4 A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE COMUNIDADE E UNIVERSIDADE	49
2.5 GRUPO DE TRABALHO: REVITALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS- A PRIMEIRA TRANSFORMAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO	52
2.6 GRUPO DE TRABALHO DAS ARTES MARCIAIS: O ESPORTE COMO ESPAÇO EDUCATIVO DE OPORTUNIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	55
2.7 GRUPO DE TRABALHO DA BIBLIOTECA: A LEITURA E O LETRAMENTO LITERÁRIO COMO ESPAÇO DE EMPODERAMENTO	57
2.8 MINHAS PERCEPÇÕES DOS RESULTADOS OBTIDOS NA ASSOCIAÇÃO	60

3. EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O GRUPO DE MULHERES COSTUREIRAS EM SOL NASCENTE DF	63
3.1 UM PANORAMA DE SOL NASCENTE- DF- A REALIDADE DO GRUPO DE COSTUREIRAS.....	65
3.2 A TRAJETÓRIA DE FORTALECIMENTO DO GRUPO DE COSTUREIRAS: A INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO POR INTERMÉDIO DA RESIGNIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES	67
3.3 UM BALANÇO DO TRABALHO REALIZADO COM AS MULHERES COSTUREIRAS.....	78
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
TERCEIRA PARTE	82
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	82
REFERÊNCIA	83

APRESENTAÇÃO

Este presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia é resultado do projeto de ensino, pesquisa e extensão em Economia Solidária e Educação Popular desenvolvido durante dois anos e, ministrado pela professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho em comunidades do Distrito Federal. Em Santa Maria, o trabalho se concentrou na Associação Atlética de Santa Maria- AASM e em Sol Nascente, com o grupo de mulheres costureiras.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a pesquisa-ação na qual o pesquisador assume uma estreita relação com os sujeitos e participa de forma ativa no processo.

No decorrer deste trabalho será possível compreender como a iniciativa popular propiciou a reestruturação organizacional, política, social e interpessoal dos grupos permitindo o desenvolvimento de estratégias que afastassem estes sujeitos da vulnerabilidade social: tráfico de drogas, violência doméstica, evasão escolar e desemprego.

O trabalho esta estruturado em três partes. A primeira constitui-se no meu memorial educativo, na qual faço um relato da minha experiência educacional desde a tenra infância até a trajetória acadêmica na Universidade.

A segunda parte é composta por uma abordagem teórica da Economia Solidária e da Educação Popular contemplando autores que serviram de suporte para a pesquisa. Ainda neste capítulo, abrange-se todo o relato de experiência (pesquisa) realizada nas comunidades.

Na terceira parte deste trabalho faço minhas perspectivas futuras quanto ao exercício da docência e da continuidade da minha formação após o término da graduação.

PRIMEIRA PARTE

MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci no dia 10 de junho de 1990 às 14h e 45 mim no Hospital Presidente Médici hoje intitulado HUB (Hospital Universitário de Brasília). Era um dia de jogo da Copa do Mundo onde o Brasil jogava contra a Suécia e venceria o jogo por 2 a 1. Meu nascimento não era esperado para este dia, haja vista que nasci prematura aos sete meses de gestação. Sou filha de Eni Santana da Costa e Mauro Décio Dias. Minha mãe teve dificuldades para engravidar e só conseguiu ter a primeira filha, eu aos 33 anos. Um ano depois, engravidou da minha única irmã: Scarlet Christine da Costa Dias.

Minha mãe é doméstica aposentada pelo INSS devido a problemas de saúde e não chegou a concluir nem o Ensino Fundamental. Meu pai é mecânico autônomo. Nenhum dos dois chegou a cursar o Ensino Superior, serei a primeira da família a concretizar este feito.

Iniciei minha vida escolar aos quatro anos de idade no Jardim de Infância 01 do Cruzeiro, cidade onde fui criada desde o nascimento. Nesta instituição cursei o Jardim I, II e III. Deste período, tenho poucas lembranças, porém, significativas. Recordo-me da minha mãe me deixando na sala de aula e do meu receio em ficar na escola, como ocorre com a maioria das crianças nos primeiros anos de escolarização.

O que talvez tenha me marcado mais nesses três anos da Educação Infantil foi o carinho e o amor que a pedagoga Polyana me transferia. Ela foi minha educadora no Jardim I (primeiro ano de escolarização) e o seu afeto me encantou tanto, que me recordo dela até hoje. Tenho algumas fotos deste período que facilitam o resgate destas memórias.

Saindo da Educação Infantil, fui cursar o primeiro ano do Ensino Fundamental no Centro de Ensino Fundamental 01 do Cruzeiro. Foi nesta instituição que comecei a ler e escrever com a professora Cida.

No ano seguinte, não me lembro por quais circunstâncias, mudei de escola indo para a Escola Classe do SMU (Setor Militar Urbano) onde cursei a segunda, terceira e quarta séries.

Da segunda série não me recordo de absolutamente nada, nem mesmo da educadora. Já da terceira série lembro que a professora se chamava Cláudia e fazíamos muitas apresentações nas datas comemorativas sempre relacionadas ao canto e a dança. Foi nesta etapa da escolarização que aprendi a utilizar o dicionário.

Na quarta série minha professora se chamava Marli. Ela nos incentivava bastante a ler e despertava nas crianças o gosto pela literatura. Tínhamos na escola o momento da leitura onde todos os alunos e educadores se reuniam no pátio para apreciar os livros. Este era um momento de muita paz, onde tocavam músicas de fundo bem tranquilas e, às vezes havia declamações de poesias ou sentávamos para ler em grupo, ou individualmente os livros do nosso interesse.

Como na Escola Classe do SMU eles só ofertavam o Ensino Fundamental I, ao concluir a quarta série retornei para o Centro de Ensino Fundamental 01 do Cruzeiro onde já havia cursado a primeira série.

A quinta série foi uma etapa de muitas mudanças e adaptações. Pela primeira vez, passava a ter um professor para cada disciplina bem como, começaria a conhecer e estudar outras disciplinas como: Inglês, História e Geografia (e não mais Estudos Sociais) e Biologia.

Sempre fui uma aluna dedicada se este quesito for mensurado pelas notas no boletim. Era considerada uma “aluna exemplar” pelos professores: sempre disciplinada e com notas impecáveis.

Recordo-me de algumas professoras e seus métodos de ensino. A educadora Luciene Chaves que lecionava a disciplina de História foi a que mais me marcou. Eu adorava suas aulas e a disciplina principalmente os conteúdos relacionados à História do Brasil. Este interesse se tornou tão profundo que

cheguei a prestar o PAS (Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília) e o Vestibular para História.

Além da professora Luciene Chaves, tinha a professora Léo de Inglês que fazia os alunos decorarem o verbo “To Be” em todas as formas: interrogativa, afirmativa e negativa. Na maior parte das suas aulas tinham provas orais e escritas. Era uma aula que eu não gostava principalmente pelos métodos da professora. Apesar de tirar boas notas na disciplina, não aprendi muita coisa somente decorava os conteúdos para as provas.

Havia também a professora Cléo de Artes que era bastante tranquila e meiga, ela tinha um ótimo relacionamento com os alunos. O professor Calixto que dava aulas de Educação Ambiental procurava despertar nos educandos a preocupação e a consciência para com o meio ambiente.

A professora Adriane de Geografia fazia os alunos decorarem o nome dos países da América e suas respectivas capitais bem como os hinos do Brasil: nacional, independência e proclamação da república e o de Brasília. Ela realizava provas orais para verificar a aprendizagem dos estudantes.

Estudei com estes professores durante dois anos consecutivos, a quinta e sexta séries.

Na sétima série do Ensino Fundamental, minha mãe me mudou de escola e passei a estudar no Colégio Polivalente localizado na Asa Sul.

Nesta instituição, tive professores exemplares e fiz amizades que cultivo até hoje além de ter tido a oportunidade de cursar uma língua estrangeira no CIL (Centro Interescolar de Línguas) localizado no Centro de Ensino Médio Elefante Branco. Estudava pela manhã e tinha aulas de espanhol no CIL duas vezes por semana à tarde.

Terminado o Ensino Fundamental II no Colégio Polivalente chegou um período decisivo na minha vida. Desde muito cedo almejava ingressar na UnB tanto pelo prestígio da instituição como pelo fator econômico, pois venho de família pertencente às classes populares e não teria como financiar meus estudos em uma faculdade particular.

Como o Ensino Médio é um divisor de águas e a etapa escolar responsável por preparar os estudantes para o vestibular e, as escolas particulares têm este discurso bem claro, o Colégio Notre Dame abriu inscrições para um concurso de bolsas com um cursinho preparatório. Então, na oitava série, estudava pela manhã no Colégio Polivalente e a tarde frequentava o cursinho do Colégio Notre Dame. Realizei a prova no final do ano e passei entre os 20 melhores estudantes conquistando então, uma bolsa de 80% de desconto na instituição.

Mesmo com este desconto, ficaria difícil para minha mãe arcar com esta despesa então minha madrinha Thaís Berenice se dispôs a financiar meus estudos.

Estudei no Colégio Notre Dame os dois primeiros anos do Ensino Médio e lá tive professores espetaculares e uma base sólida de preparação para o vestibular na UnB. Estes resultados foram expressos na primeira e segunda etapa do Programa de Avaliação Seriada.

No terceiro ano do Ensino Médio, meus pais oficializaram a separação judicialmente e eu, minha mãe e minha irmã precisamos mudar de residência indo morar no Recanto das Emas. Mudando de cidade, minha mãe resolveu me mudar de escola e passei a estudar no Centro de Ensino Médio 111 do Recanto das Emas.

Senti muita diferença, pois muitas disciplinas não tinham professores logo ficávamos sem aulas e éramos liberados para ir para casa. Grande parte dos conteúdos já havia estudado no Colégio Notre Dame por isso no terceiro bimestre já estava aprovada em todas as matérias.

No final deste mesmo ano, nos mudamos para o Guará II onde passei a estudar no Centro Educacional 03 do Guará. Como já cheguei aprovada nesta instituição só freqüentava a escola para cumprir os 75% de frequência exigidos na legislação.

Como não continuei seguindo o mesmo ritmo de estudos que seguia no Colégio Notre Dame, na terceira etapa do Programa de Avaliação Seriada não

obtive êxito. E a soma das duas etapas não foram suficientes para a minha aprovação, pois anteriormente as etapas do PAS tinham pesos diferenciados. Peso 1 para a primeira etapa, peso 2 para a segunda e peso 3 para a terceira. Portanto, não fui aprovada no curso de História que era o meu interesse.

Fiquei extremamente decepcionada, mas em hipótese alguma pensei em desistir de ingressar na UnB. Minha grande decepção foi ter achado que tinha frustrado minha mãe e minha madrinha que foram as pessoas que sempre acreditaram no meu potencial. Mas elas sempre continuaram comigo me apoiando em todas as minhas decisões e me dando muita força.

Ainda cheguei a prestar um vestibular para História e dois para Pedagogia sendo aprovada no primeiro vestibular de 2009.

O curso de Pedagogia nunca foi a minha primeira opção. Meu interesse era pelo curso de História, mas ele era um curso muito concorrido. Então decidi entrar no curso de Pedagogia e depois futuramente pedir a transferência para o curso de História.

A minha aprovação no vestibular da UnB foi uma das melhores felicidades da minha vida. Fui aprovada aos 18 anos e neste período trabalhava em um consultório odontológico na 713 norte como secretária de um dentista. Trabalhava oito horas por dia e saía do trabalho exausta.

No primeiro semestre cursei as cinco disciplinas oferecidas pela Faculdade de Educação: Perspectivas do Desenvolvimento Humano, Antropologia e Educação, Oficina Vivencial, Investigação filosófica e Projeto 1.

Foi um período de muitas descobertas na universidade como também foi o meu primeiro contato com a professora Sônia Marise Salles. Ela ministrava as aulas de Projeto 1, as terças-feiras e o objetivo da disciplina era situar os novos estudantes ao ambiente acadêmico bem como, apresentar-lhes a importância da Faculdade de Educação dentro da UnB e um pouco da história da universidade desde a sua idealização até a sua consolidação como uma das principais instituições do Brasil.

Foi em uma de suas aulas que a professora mencionou o campo dos projetos e falou de forma sucinta sobre o seu projeto de: Economia Solidária e Educação. Interessei-me pelo campo de atuação, mas foi somente no terceiro semestre que o meu interesse se aprofundou.

No segundo semestre ainda permaneci no fluxo de disciplinas ofertadas pela FE cursando cinco disciplinas sempre no período do noturno. Mas foi no final do ano de 2009 que consegui o meu primeiro estágio não obrigatório pelo CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) no Colégio Marista Champagnat em Taguatinga.

Estagiava no Colégio Marista como auxiliar de turma em uma sala de Jardim II (crianças com cinco anos de idade) no horário das 13 às 19 horas. Tive uma experiência fantástica nesta instituição e também foi o meu primeiro contato com a sala de aula. Estagiei dois anos nesta instituição e sai porque o tempo máximo de contrato de um estagiário era de um biênio.

Foi a partir desta experiência concreta pedagógica em sala de aula que tive a certeza de que queria me tornar uma pedagoga. Logo, perdi o interesse de cursar História.

O único empecilho do meu período de estágio era que a escola se situava em Taguatinga Sul e saía às 19 horas. Tinha que andar até o centro de Taguatinga para pegar o metrô até a Rodoviária e depois pegar um ônibus até a UnB. Com este trajeto, todo o dia sempre me atrasava para as aulas. Continuei com esta rotina durante um ano e só a partir de 2011 comecei a estagiar no período da manhã.

O trabalho em sala de aula exige muito do professor e com esta rotina agitada de estágio, faculdade e percurso de ônibus comecei a ficar muito cansada então, passei a diminuir a quantidade de disciplinas que cursava na UnB.

No terceiro semestre cursei somente três disciplinas e no quarto semestre, quatro matérias.

O quarto semestre foi um divisor de águas e delineou a minha formação. Cursei a disciplina de Sociologia da Educação com a professora Sônia Marise e foi a partir desta disciplina que tive contato com teóricos como: Marx, Althusser, Bourdieu e Paulo Freire que são autores que me encantam na maneira em que pensam a organização social e o papel da escola. Foi nesta disciplina também que a professora fez o convite para a turma para conhecermos melhor os campos de atuação da Economia Solidária.

Fui ao primeiro encontro do projeto realizado aos sábados. Conheci a proposta e me engajei no Projeto 3. Tínhamos aulas teóricas na FE e a prática na comunidade. Nas aulas teóricas estudávamos sobre os fundamentos da Economia Solidária e teóricos como: Marx, Pestalozzi, Freire e Paulo Freire. Nas aulas práticas íamos a campo e foi o meu primeiro contato com a comunidade de Santa Maria. Comunidade esta em que fiz minhas observações e atuei durante 1 ano e seis meses nas duas fases obrigatórias do Projeto 3 (PESPE A e B) e o Projeto 4 fase 1.

Outras disciplinas não poderiam deixar de serem citadas, pois contribuíram para delinear a minha formação. Merece destaque as disciplinas de: Educação Infantil, o Educando com Necessidades Especiais, Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE, Ensino de História, Identidade e Cidadania, Educação e Trabalho e Avaliação das Organizações Educativas.

A disciplina de História, Identidade e Cidadania ministrada pela professora Renísia resgatou o meu orgulho em ser uma mulher negra advinda das camadas mais populares na medida em que, no decorrer do semestre a professora fez uma reconstrução das histórias e memórias do negro e a sua exclusão social inclusive instituída por lei. Neste contexto, pude compreender porque parte dos índices de violência, pobreza e analfabetismo estão diretamente relacionados à população negra. Bem como, pude perceber que faço parte de um percentual bem ínfimo de jovens negros que conseguem ingressar e permanecer no Ensino Superior.

No início de 2012 fui contratada com auxiliar de sala da Educação Infantil do Colégio CIMAN localizado na Octogonal e no segundo semestre de

2012 comecei a estagiar no Tribunal Superior do Trabalho (TST). Mas uma vez, conciliar a vida acadêmica com a profissional foi bastante complexo.

Sendo uma trabalhadora-estudante decidi dar prioridade ao curso e a minha formação. Então optei por abandonar o meu estágio o Tribunal Superior do Trabalho e cursar as disciplinas no período da manhã e da noite. Por isso, vinha para a UnB pela manhã, trabalhava a tarde e retornava a noite para ter aulas.

Foi neste período que retornei ao Projeto de Economia Solidária para concluir o Projeto 4 fase 2 e delinear a estrutura do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Como fiquei dois semestres sem frequentar o Projeto de Economia Solidária, haviam ocorrido mudanças significativas no projeto. Antigamente todos os alunos envolvidos no projeto frequentavam apenas uma comunidade, Santa Maria. A principal mudança foi nos pólos de atuação que passaram a ser subdivididos em quatro: Santa Maria, Sol Nascente, São Sebastião e Alto Paraíso.

Na primeira aula do Projeto que sempre é realizada na UnB antes de irmos a campo, os atores envolvidos em cada comunidade apresentam as propostas e os resultados dos trabalhos desenvolvidos em cada localidade. Desde o princípio me interessei pela comunidade de Sol Nascente, pelas dificuldades sociais relatadas e pela expressiva necessidade de pessoas no engajamento para a concretização do trabalho região.

Como já havia realizado um trabalho em Santa Maria, em conversa com a professora Sônia ela me orientou a conhecer a comunidade e o grupo de mulheres de Sol Nascente.

O trabalho em Sol Nascente ainda não estava estruturado e, em conversa com a comunidade começaram a aparecer diversas demandas além do grupo de mulheres. Ficou decidido em grupo (universidade e comunidade) que atenderíamos ao grupo de mulheres e as crianças e adolescentes.

Decidi me envolver com o grupo de mulheres que em sua maioria são advindas da região Nordeste, não possuem renda fixa e moram em situações precárias na cidade de Sol Nascente.

O grupo de mulheres estava desestruturado e sem objetivos concretos. Realizamos um trabalho de fundamentação teórica a respeito dos princípios da Economia Solidária por intermédio de oficinas e reorganizamos o trabalho e a produção das bolsas que são os principais produtos de confecção das mulheres.

Toda esta reflexão-ação-reflexão culminou em um campo de observação e pesquisa que integram parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso juntamente com as experiências da comunidade de Santa Maria- DF.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA NOVA FORMA DE ECONOMIA À LUZ DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA.

Esse capítulo propõe apresentar a Economia Solidária como uma nova maneira de educar e de promover relações pedagógicas pautadas pela emancipação e solidariedade.

1.1 AS ORIGENS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

As origens da Economia Solidária estão relacionadas às lutas sociais dos trabalhadores em prol da não exploração maciça da mão-de-obra e da não mercantilização do trabalho. Assim sendo, “(...) desde o seu início representou a resistência de trabalhadores à exploração capitalista e a violação de seus direitos básicos” (TEIXEIRA, JUNIOR, MARTINS, p. 2).

No início do séc. XIX, na Europa e nos Estados Unidos, as primeiras experiências de grupos de trabalhadores que se reuniram em cooperativas para tentar diminuir as consequências dos avanços do Capitalismo não obtiveram êxito.

Entre 1830 e 1840, surgiram novas cooperativas em resposta às mazelas sociais. Mas novamente essas cooperativas, por pressões dos patrões e do governo, acabaram extintas.

As décadas de 30 e 40 do século XIX, marcadas por um novo tipo de regulação do trabalho que de cooperativo transformou-se em concorrencial, viram nascer sociedades de socorro mútuo, balcões alimentícios e cooperativas de produção. Criadas por operários ou por artesãos que se negavam a tornar-se proletários essas iniciativas tentavam amenizar os sofrimentos trazidos pelos acidentes, pelas doenças e pela morte. A partir de 1848, no entanto, a repressão se abateu sobre estas associações (LECHAT, 2002, p.5)

Novos empreendimentos organizados por trabalhadores desempregados surgiram, a partir dos anos 1970, por intermédio de iniciativas de empresas autogeridas que almejavam criar novos empregos e salvar as empresas da falência. Neste contexto de exploração do trabalho assalariado, os sindicatos e

os empreendimentos autogestionários surgem para contemplar duas bandeiras de luta. A primeira, para assegurar a defesa e conquista de novos direitos pelos trabalhadores e a segunda como alternativa de trabalho alheia à exploração capitalista.

Diversas foram as nomenclaturas empregadas a este novo tipo de economia pautada na valorização humana: Economia Popular Solidária, Economia Social, Terceiro Setor, Economia de Comunhão, Humanoeconomia e ainda Socioeconomia.

Na França esta discussão difere a Economia Solidária da Economia Social, onde o termo Economia Solidária relaciona-se as bandeiras de lutas de movimentos sociais e a economia social designa iniciativas de geração de renda para a população de baixa renda.

Na América Latina, sobressai-se a dimensão das desigualdades e exclusão social assim, aparece com freqüência o termo Economia Popular.

Apesar das especificidades tanto na nomenclatura, como na maneira como se desenvolveu na Europa e na América, vários são os princípios comuns neste estilo de economia. São eles:

A valorização social do trabalho humano, a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica, o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade, a busca de um intercâmbio respeitoso com a natureza e os valores da cooperação e da solidariedade. (CARTA DE PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, III PLENÁRIA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2003)

No Brasil, desde a Revolução de 1930 até meados dos anos 1980, o país enfrentou décadas de desenvolvimento industrial e de estruturação do segmento organizado de trabalho, deixando de ser uma economia predominantemente agroexportadora, dependente da mão-de-obra estrangeira especializada e, passando a ocupar a posição de oitava economia mundial.

A estruturação do trabalho organizado se deu também pela criação, em 1943, da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) que ampliou os empregos assalariados e formais.

Ainda que incompleta, a tendência de estruturação do mercado de trabalho se deu em função da rápida ampliação dos empregos assalariados sobretudo daqueles com registro formais, da redução relativa das ocupações por conta própria e sem remuneração e do desemprego. A comparação entre os anos 1940 e 1980 permite observar que para cada, 10 ocupações geradas, 8 foram assalariadas, sendo 7 com contratos formais e uma sem contrato. (POCHMANN, 2004, p.24)

A partir dos anos 1980, com o aumento da dívida externa, o Brasil entrou em um período de crise quando ocorreu uma desaceleração dos segmentos formais de emprego com a redução dos empregos assalariados e, aumento da participação da população nos segmentos não organizados. Este segmento não organizado "... passou a indicar não apenas e tão somente o desenvolvimento de atividades de sobrevivência, de produção popular e até de ilegalidade (prostituição, tráfico humano e de drogas, crimes e jogos de azar)" (POCHMANN, p. 23, 2004).

Dentro deste contexto de formação de um grande excedente de mão-de-obra há o avanço da Economia Solidária no Brasil que concentrou dois movimentos: um formado pelo contingente de trabalhadores urbanos e qualificado e, outro pelo grupo de militantes críticos que almejavam novas formas de organização social.

São pessoas representantes de múltiplas ideologias, na maior parte antineoliberais, interessados em construir alianças com segmentos excluídos da população capazes de oferecer novos caminhos em termos de geração de trabalho, renda e mudança no modo de vida. (POCHMANN, 2004, p.24)

A Economia Solidária pode ser definida como um projeto político de esquerda pautada no coletivismo, na autogestão, na solidariedade e no desenvolvimento sustentável. Assim:

A Economia Solidária é um projeto de organização sócio-econômica com princípios opostos ao do *laissez-faire*: em lugar da concorrência, a cooperação, em lugar da seleção darwiniana pelos mecanismos do mercado, a limitação – não a eliminação! destes mecanismos pela construção de relações econômicas solidárias entre produtores e consumidores. (SINGER apud TEIXEIRA, JÚNIOR, MARTINS, p.2)

1.2 PRINCÍPIOS E VALORES FUNDAMENTAIS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

O sistema capitalista em sua lógica excludente e centralizadora subordina parte dos trabalhadores à exploração da mão-de-obra visto que estes não são detentores dos meios de produção, nem das decisões e são obrigados a venderem sua força de trabalho aos patrões, donos do capital e das empresas.

Essa dinâmica perversa do capitalismo focada no lucro e na obtenção do capital afeta todas as relações humanas que perpassam desde o econômico, o social, o político e até mesmo o ambiental.

A ocupação desordenada do solo, a exploração maciça dos recursos naturais e a poluição ambiental em nome do consumismo são reflexos das práticas mercantilistas.

Logo, a Economia Solidária emerge como um movimento social que se contrapõe ao Capitalismo e que se compromete com uma sociedade mais justa e igualitária.

(...) A Economia Solidária é um contraponto ao Capitalismo. É uma forma diferente de organizar o trabalho, onde não temos patrão nem empregado, o trabalho é coletivo e autogestionário e a nossa principal preocupação é com as pessoas, com a vida, com o meio ambiente e não com os lucros. Com isso entendemos que é fundamental fazer valer a igualdade de direitos entre homens e mulheres, respeitando a diversidade de raça, orientação sexual, gerações, pessoas em situação de vulnerabilidade, egressos do sistema prisional, portadores de transtornos mentais, usuários de álcool e outras drogas, comunidades estrangeiras e garantir a defesa dos direitos sociais, políticos e econômicos destas pessoas. (V PLENÁRIA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2012)

A Economia Solidária assume três dimensões: econômica, a social e a política. Na dimensão econômica, busca-se a articulação das atividades da economia de mercado (monetárias), da redistribuição de renda e de atividades não monetárias como o voluntariado. Socialmente, a Economia Solidária reestrutura e recria as relações sociais que passam a ser permeadas pela solidariedade.

Na dimensão política insere-se um espaço de discussão dentro e fora do movimento social ampliando-se o espaço de luta pelos direitos, democratização e desenvolvimento da autonomia.

(...) através dessas ações, as pessoas tomam consciência da possibilidade de não mais estarem submetidas à crise, mas de tornarem-se sujeitos do seu próprio futuro, mesmo que seja em um nível modesto. (...) descobre-se assim certos campos de atividades podem dar lugar a algo mais que uma nova forma de consumo ou uma ação caritativa e que elas podem consolidar modos de socialização portadores de um 'melhor viver'. (LAVILLE apud FRANÇA E DZIMIRA, 1999, p.149)

Algumas categorias são consideradas preceitos fundamentais da Economia Solidária. Dentre os variados conceitos abordados pela literatura, alguns aparecem com frequência para caracterizar a Economia Solidária. São eles: a solidariedade, a autogestão, a cooperação e a viabilidade econômica (geração de renda e trabalho).

Segundo Amorim (2010):

(...) uma série de categorias são utilizadas para identificar a economia solidária e em que preceitos se baseiam tais práticas. Solidariedade, cooperação, participação, autogestão, democracia somados à pressupostos como respeito ao meio ambiente, igualdade às relações de gênero e etnia, socialização dos meios de produção, compõe a teia de preceitos adotados.

A solidariedade é o pressuposto fundamental da Economia Solidária. É ela inclusive quem adjectiva a nomenclatura. O termo assume vários significados e reflexões que perpassam desde a filosofia, a sociologia até a política e que são objetos de discussões de vários autores. No que tange a Economia Solidária, e aos significados que a solidariedade pode assumir dentro do movimento social, nos é conveniente apropriarmos das reflexões propostas por Pedro Demo e por Laville.

Para o filósofo e doutor em sociologia Pedro Demo, a solidariedade não poder ser compreendida fora das relações de poder e existe uma linha tênue entre ela se tornar algo positivo ou negativo. O autor ainda classifica a solidariedade em duas categorias: a solidariedade de cima e a solidariedade de baixo.

A solidariedade de cima é aquela empregada pela elite para as classes marginalizadas. Está permeada por interesses e pelas relações de corporativismo. Já a solidariedade de baixo, ainda pouco difundida, é

encontrada em ações inovadoras que pretendem construir uma sociedade democrática que reintegre os indivíduos marginalizados.

A solidariedade com mero interesse de poder não liberta os indivíduos, nem soluciona os problemas, apenas perpetua as relações e assume um caráter assistencialista e imediatista. A solidariedade necessita emancipar os sujeitos, libertá-los e provocar a participação e a mudança para tal ela necessita de autocrítica.

Solidariedade para que não seja mero efeito de poder, necessita, primeiro, de autocrítica, por conta de sua natural ambigüidade. (...) Segundo, a solidariedade dos marginalizados significa a oportunidade de cidadania coletiva em marcha, para que possa ser feito um bom debate. Terceiro, é crucial que a solidariedade dos marginalizados não perca de vista o projeto contra- hegemônico como obra coletiva que precisa ficar acima de todas as querelas possíveis. (...) Quarto, a solidariedade, neste contexto, significa redistribuição de renda e de poder: qualidade de vida de cada qual está em função da qualidade de vida de todos. Quinto, embora seja imprescindível confrontar-se com os opressores, até as últimas consequências, afinal é mister também fazê-los parte do mesmo processo emancipatório, o que significa ser solidário com os não solidários”. (DEMO apud AMORIM, 2010, p.31)

Laville subdivide a solidariedade em duas concepções: uma de natureza inglesa e outra francesa.

A solidariedade de origem inglesa possui um caráter assistencialista, e filantrópico e surgiu com o objetivo de solucionar os problemas sociais das classes populares. “Ela carrega em si um dispositivo de hierarquização social e de manutenção das desigualdades” (LAVILLE, p.60).

Já a solidariedade francesa assume um caráter “revolucionário” que abdica as noções de caridade e de filantropia, onde todos os indivíduos são sujeitos de direitos e deveres remetendo ao ideal de cidadania e o não cumprimento desses ideais significam a ruptura no processo. Este tipo de solidariedade é definida como solidariedade democrática e se contrapõe a solidariedade beneficente, de caridade impregnada pelos ideais da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade):

A esta versão “beneficente”, se opõe uma versão de solidariedade como princípio de democratização da sociedade resultante de ações coletivas, supondo uma igualdade de direito entre aqueles que se

engajam. Esta segunda versão moldou a realidade francesa, marcada tanto pelo autoritarismo como pela força das noções de vontade geral e de interesse geral. (LAVILLE, p. 60)

A categoria cooperação aliada aos outros pressupostos da Economia Solidária apresenta-se como o processo de interação em que os indivíduos estão reunidos pelos ideais comuns, compartilham as ações e buscam as soluções coletivamente. Assim, cada indivíduo tem a sua importância dentro do grupo e todas as ações são influenciadas dialeticamente. Por isso, a cooperação deve ser:

(...) um processo social, embasado em relações associativistas, na interação humana, pela qual um grupo de pessoas busca encontrar respostas e soluções para seus problemas comuns, realizar seus objetivos comuns, busca produzir resultados, através de empreendimentos coletivos com interesses comuns. (FRANTZ APUD SILVA, p.5)

A cooperação fortalece as ações do grupo elevando ao coletivo as potencialidades de cada sujeito. Todos têm voz ativa no grupo e as relações passam a ser horizontalizadas.

A organização baseada na cooperação demanda outros encaminhamentos para a existência humana e aproveitamento das potencialidades dos sujeitos. A cooperação agiliza e fortalece as ações dos sujeitos envolvidos. (SILVA e SILVA p.5)

A autogestão ganhou espaço no Brasil nos anos 1990, quando trabalhadores desempregados de empresas em estado de falência se reuniam por intermédio das cooperativas para salvar as empresas, gerar trabalho e recriar renda. Estes empreendimentos autogestionários possuíam características próprias. Segundo Taule e Rodrigues (2004):

O diferencial, contudo, desses empreendimentos está na forma (e na natureza) da gestão, que, assentada em princípios de democracia, igualdade, solidariedade, consagra ganhos de sinergia gerados no processo, e também na caracterização de uma sociedade de pessoas.

Os empreendimentos autogestionários podem surgir dentro de variados contextos, porém os mais visíveis no Brasil são: as aglutinações de trabalhadores que criam e recriam trabalho e renda promovendo a reinserção econômica e social, o arrendamento judicial por parte dos trabalhadores da

empresa em estado de falência, a compra dos trabalhadores de empresas falidas que passaram a ser geridas pelo regime de autogestão, ou mesmo a reinserção de associações ou cooperativas que não utilizavam princípios democráticos de gestão no seio da autogestão e da Economia Solidária.

Além da dimensão da inclusão econômica do grupo de trabalhadores que estavam marginalizados do mercado de trabalho ou em via de se torná-lo, a autogestão assume o caráter social ao desenvolver a formação profissional dos trabalhadores dentro dos princípios da solidariedade.

Na prática, essas entidades tem exercido um papel não só de aglutinador de interesses de trabalhadores e empreendimentos que lutam pela oportunidade de inserção econômica em um contexto de relações solidárias de produção, como também de formação profissional e empresarial, tem como missão: promover a construção, divulgação e desenvolvimento de modelos autogestionários que contribuam para a criação-recriação de renda, desenvolvendo a autonomia e formação de trabalhadores através do interesse de ações solidárias e fraternas, e representando empresas autogestionárias. (TAULE e RODRIGUES, 2004, p. 38)

Uma das maiores diferenças da Economia Solidária em relação à economia de mercado além do fortalecimento dessas categorias acima explicitadas tais como a: solidariedade, a autogestão, a cooperação é a resignificação do trabalho e a geração de renda sem a exploração da mão-de-obra.

O campo fértil para o surgimento da Economia Solidária foi justamente o desemprego em massa provocado pelas crises do Capitalismo e a exploração dos trabalhadores, que cansados de terem seus direitos violados e de venderem sua mão-de-obra como mercadoria se reuniram em sindicatos para lutarem pelos direitos e em cooperativas de autogestão como formas alternativas de inclusão social e geração de trabalho.

A Economia Solidária rejeita todas as formas de exploração dos trabalhadores, bem como a submissão das relações sociais à ótica capitalista, a competitividade do mercado, o individualismo exacerbado.

Segundo Gonçalves e Sobrinho (2011):

A Economia Solidária confronta-se contra a lógica de mercado capitalista que induz à crença de que as necessidades humanas só podem ser satisfeitas sob forma de mercadorias e que elas são oportunidade de lucro privado e de acumulação de capital.

A Economia Solidária é, portanto, resultado desta luta de forças desiguais entre Capitalismo com o seu domínio avassalador e trabalhadores marginalizados que por intermédio do associativismo e do cooperativismo procuram reestruturar suas relações para penetrarem no mercado de trabalho e gerarem renda.

1.3 EDUCAÇÃO POPULAR LIBERTADORA: UMA FORMA DE EMPODERAMENTO E EMANCIPAÇÃO SOCIAL.

Apresentada no subtítulo anterior como uma nova forma de economia que reorganiza as relações de trabalho, propondo um novo modelo de sociedade colocando em discussão as estruturas vigentes, a Economia Solidária possui estreitos laços com a Educação Popular.

Interessa-nos primeiramente, esclarecer as dimensões que podem assumir comumente o termo “popular” quando particulariza a Educação, para que depois possamos estabelecer os vínculos entre Economia Solidária e Educação Popular.

O adjetivo Popular qualificando a categoria Educação pode designar dois significados distintos. Um, diz respeito à educação oferecida a todos, gratuita e de direito universal.

Como afirma Paiva (2003):

Entende-se por educação popular, frequentemente, a educação oferecida a toda população, aberta a todas as camadas da sociedade. Para tanto, ela deve ser gratuita e universal. Outra concepção da educação popular seria aquela educação destinada às chamadas “camadas populares” da sociedade: a instrução elementar, quando possível, e o ensino técnico profissional tradicionalmente considerado, entre nós, como ensino “para desvalidos.

O outro sentido que é o que nos interessa neste trabalho, é o da prática educativa desenvolvida no seio dos movimentos sociais e das camadas populares na qual, o conhecimento passa a ser construído coletivamente possuindo um viés político e ideológico. Portanto:

A educação popular construiu, assim, seu espaço de intervenção social como práxis fundamentada na produção coletiva de valores sociais (o que inclui o conhecimento) marcados pela crítica de quaisquer relações de exclusão que possam subsistir em qualquer tempo e em qualquer lugar. (GUERRA E CRUZ, 2009, p.92)

Essa produção e apropriação coletiva do conhecimento, mediante a reflexão das relações vigentes, propondo uma reestruturação social é o principal eixo que une a Economia Solidária e a Educação Popular. O próprio campo fértil dos movimentos sociais dos anos 80 e 90 alicerçados pela educação popular permitiram o surgimento dos primeiros empreendimentos solidários.

A Economia Solidária é um fruto, um embrião da Educação Popular, sendo gerada talvez de forma inconsciente. “Talvez, a economia solidária tenha sido parida, por assim dizer pela educação popular, que talvez o tenha feito sem sabê-lo” (GUERRA E CRUZ, 2009, p.96).

Um exemplo claro desse processo é a trajetória do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem- Terra (MST), que sempre incorporou em sua prática os princípios da educação popular e, posteriormente com o surgimento das cooperativas nos assentamentos inseriu discussões e princípios da Economia Solidária. O mesmo fenômeno também ocorreu com os trabalhadores de empresas autogeridas da ANTEG (Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas em Autogestão), que nos anos 90 inseriu as práticas da Educação Popular aos empreendimentos solidários.

As aproximações entre Economia Solidária e Educação Popular não se resumem apenas ao caráter político e aos valores sociais que ambas disseminam. Esta relação se estreita ainda mais, pela necessidade dos princípios de uma na prática da outra e vice-versa.

Como uma nova forma de economia desenvolvida essencialmente nos setores populares, a Economia Solidária necessita construir coletivamente o conhecimento para seguir como uma alternativa econômica, política e social. Já a educação popular, necessita oportunizar aos sujeitos reflexões e experiências críticas, emancipatórias e autônomas.

O diálogo dessas duas práticas dialógicas- economia solidária e a educação popular- não só estava (está) atravessada pelos mesmos valores étnicos e políticos, mas também por uma cumplicidade estreita em relação a seus objetivos: a economia solidária necessita construir conhecimentos para viabilizar-se como alternativa econômica dos setores populares, a educação popular precisa apontar para ações concretas que permitam aos setores populares experimentarem práticas autônomas de inserção social. (GUERRA E CRUZ, 2009,p.98)

Outro fio condutor entre as duas categorias, talvez o mais evidente de todos, é a necessidade que ambas possuem de utilizarem um adjetivo que as qualifiquem para as diferenciarem dos modelos de economia e educação. Nesse sentido Guerra e Cruz (2009) apontam:

Educação popular e economia popular têm muito em comum. A primeira convergência diz respeito à necessidade que ambas as expressões têm de *qualificar-se*, isto é, de acrescentar um termo que marque a diferença entre o convencional e aquilo que elas querem representar: ou seja: não se trata de discutir educação em seu sentido geral, mas do caráter específico de uma prática pedagógica vinculada à vida e aos interesses sociais dos setores populares, não se trata de uma economia orientada pelos valores do mercado e da concorrência, mas de uma economia vinculada à vida e aos interesses de setores sociais excluídos...

Os ideais da educação popular não surgiram nos gabinetes de teóricos e burocratas preocupados em servir a máquina capitalista, com a qualificação em massa da mão-de-obra e alienação dos oprimidos. Essa práxis é fruto das efervescentes lutas sociais que nasceu fora dos ambientes educativos formais e, foi um movimento que influenciou as ONGs, sindicatos, associações de moradores e as próprias práticas que ocorrem no seio das escolas.

Com o fim da II Guerra Mundial, os ideais de uma sociedade democrática influenciaram as mobilizações sociais do período que trouxeram contribuições significativas para as questões educacionais, em especial às relacionadas à educação das massas. Conforme se almejava o

desenvolvimento do país, desejava-se a inserção dos oprimidos à sociedade e o caminho era por intermédio da educação, que até os anos 40, preocupava-se apenas com o desenvolvimento de habilidades singelas: leitura, escrita, aritmética.

A educação de base era entendida como o processo educativo destinado a proporcionar a cada indivíduo os instrumentos necessários ao domínio da cultura de seu tempo, em técnicas que facilitassem o acesso a essa cultura- como a leitura, a escrita, a aritmética elementar noções de ciências, de vida social, de civismo, de higiene- e com as quais, segundo suas capacidades, cada homem pudesse desenvolver-se e procurar melhor ajustamento social. (BEISIEGEL apud PEREIRA E PEREIRA ,2010,p.74)

Foi nos anos 50, que floresceram na América Latina os ideais e as práticas de educação popular inspirados pelas concepções de: mundo, política e de educação de Paulo Freire. Este se tornou um legado pedagógico universal devido à atuação internacional de Freire.

Os debates eram contra a Educação de Jovens e Adultos (EJA) com caráter conteúdista, desenvolvida com programas pré- estabelecidos. Pensava-se em uma educação formadora de sujeitos críticos.

No II Congresso de Educação de Jovens e Adultos ocorrido no final dos anos 50 os educadores manifestaram suas opiniões a cerca desse novo modelo de educação. Os educadores que abraçavam a causa da educação popular, sendo Paulo Freire, o mais expressivo sugeriram uma gama de transformações educacionais desde o caráter organicista na visão macro da educação até ao papel dos professores.

Paulo Freire, juntamente com outros educadores, sugeriu: a revisão dos transplantes que agem sobre nosso sistema educativo, a organização de cursos que correspondessem à realidade existencial dos alunos, o desenvolvimento de um trabalho educativo com o Homem e não para com o Homem, a criação de um grupo de estudo e de ação dentro do espírito de autogoverno, o desenvolvimento de uma mentalidade nova do educador, que deveria passar a sentir-se participante do trabalho de soerguimento do país, e finalmente, a renovação dos métodos e processo educativos com rejeição daqueles exclusivamente auditivos, substituindo o discurso pela discussão e utilizando as modernas técnicas de educação de grupos com a ajuda de recursos audiovisuais. (PAIVA apud PEREIRA E PEREIRA,2010,p.75)

Nesse período crescem as mobilizações em defesa da educação popular. E nos anos 60, movidos pelo espírito de liberdade do governo de Juscelino Kubitschek começaram a brotar movimentos de propagação da cultura popular como crítica a maneira folclórica e alienada com que se tratava a educação das camadas populares.

Desses movimentos, na qual merecesse destaque o Movimento de Cultura Popular de Recife (MCP), participaram Paulo Freire e outros educadores que objetivavam potencializar as habilidades criativas do povo e propagar a cultura popular.

Em meados de 1962 com Paulo Freire, ganha vida a experiência mais expressiva de alfabetização de jovens e adultos na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Experiência esta, amadurecida durante vários anos de trabalho com os marginalizados.

O sucesso deste processo deveu-se à conscientização e a construção coletiva do conhecimento na qual aparece aqui a importância dos círculos de cultura permeados por uma visão de educação para a liberdade contra a educação bancária.

Nos círculos de cultura, os homens e mulheres: “perceberiam que a educação não é algo distante da vida, mas, sim, a possibilidade de recriá-la e, assim, vivê-la melhor”. (PEREIRA E PEREIRA, 2010, p.77)

Contudo, com a instauração do golpe empresarial-militar em primeiro de abril de 1964, muda-se a conjuntura política e social do Brasil em especial pela ditadura fortalecida pelos Atos Institucionais que afastaram a participação popular no poder.

O eminente crescimento dos ideais de educação popular representava uma ameaça aos militares que passaram a repreender com violência os grupos que se organizavam como os movimentos sociais e as universidades que passaram a ser classificados como subversivos.

Como medida para erradicar o novo modelo de educação popular inspirado por Paulo Freire, o governo militar implantou em 1967 o Movimento

Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL que reafirmava a educação em massa por intermédio de cartilhas e métodos tradicionais em oposição ao movimento emancipatório.

As fragilidades do governo dos militares começaram a aparecer e os grupos de resistências, mesmo sob forte esquema de controle e violência articulavam-se em Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e em Organizações Não governamentais para desenvolverem seu trabalho e nesta estratégia, a educação popular se integrou.

Logo, a crise da ditadura militar esta intimamente ligada ao crescimento dos movimentos sociais da década de 70 e com as mobilizações em prol da reforma política e da democracia.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos países da América Latina nos anos 80, no campo educacional floresceram ideias expressivas que almejam tornar a educação um espaço de apropriação do conhecimento e um mecanismo de participação popular. Conhecida por muitos como a “década perdida” devido aos problemas econômicos vivenciados neste período, vimos nascer várias forças políticas advindas dos movimentos sociais como o Partido dos Trabalhadores em 1980, a Central única dos Trabalhadores, 1983 e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em 1985.

A conjuntura democrática do país também foi se reformulando, culminando em 1984 com as “Diretas já” que até o presente momento histórico tinha sido a maior mobilização popular do país e, que projetou mudanças na primeira eleição por voto direto durante um vasto período de ditadura militar.

Com o novo presidente eleito Fernando Collor de Mello, o país sofreu a perversidade do neoliberalismo com a exclusão social e os explícitos casos de corrupção em provimento particular. Novamente, o povo toma as ruas com o movimento “Fora Collor” em busca da sua dignidade e da identidade do país por intermédio do impeachment do então presidente. O país passou a ser governado por Itamar Franco, vice-presidente que pouco fez para impedir o desenvolvimento do capitalismo.

Em 1994, Fernando Henrique Cardoso assume o Palácio do Planalto e este talvez, tenha sido o governo que mais esteve nas mãos do neoliberalismo com a privatização das estatais, da educação e sob o controle do capital internacional.

Nota-se que a história da educação popular está intrinsecamente relacionada às lutas de poder, aos avanços do capitalismo e o desenvolvimento dessa Pedagogia como fonte de resistência às mazelas sociais e aos interesses políticos e a superação e libertação.

Este processo histórico de emancipação não é simples, pois os oprimidos têm medo de libertar-se e os opressores não desejam tal façanha porque esta organização social injusta é o combustível da exploração, da reprodução da pobreza e das mazelas sociais.

Vale ressaltar, que Freire não desenvolveu uma pedagogia apenas para os oprimidos. Desenvolveu sim, uma educação compromissada e forjada com os mais pobres, contra a educação bancária e que valoriza os conhecimentos populares e os problematiza promovendo assim: a luta, a reflexão crítica da realidade, a autonomia e a libertação. A esta luta devem incorporar-se não somente os oprimidos, mas todos os sujeitos que se compadecem pela causa, não movidos pela falsa generosidade, mas pelo espírito de esperança e de mudança.

Na busca pela libertação e recuperação da humanidade, os oprimidos não podem ter incrustados os ideais de opressão. Como este é o único exemplo de humanidade que conhecem tendem a repetir o processo com a qual foram subjugados. Como pontua Freire:

Esta luta somente têm sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos- libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE,1987,p.16)

Neste processo árduo e doloroso deve surgir um novo homem munido de novos ideais de humanidade. Não é mais aquele homem oprimido, nem opressor mais o que está em constante libertação.

A partir das reflexões estabelecidas entre Economia Solidária e Educação Popular, pretenderei descrever a experiência que realizei no período de minha formação no curso de Pedagogia.

CAPÍTULO 2: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS: O DIÁLOGO ENTRE ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR

Esse capítulo traduz um pouco da minha vivência com as comunidades, buscando aplicar os princípios da Educação Solidária e Educação Popular.

A metodologia usada na presente pesquisa foi a pesquisa-ação na qual o pesquisador estabelece estreitos laços com os sujeitos envolvidos na pesquisa podendo ser definida como:

Um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT apud GIL, 2008, p.49)

Mesmo não tendo certeza das raízes históricas do surgimento da pesquisa-ação, este tipo de metodologia sempre foi utilizada na pesquisa e desenvolveu-se de maneira diferenciada nas variadas áreas servindo de aporte para a administração, saúde, ensino, desenvolvimento comunitário, negócios bancários dentre outros.

Constitui-se uma das diferentes categorias da “investigação-ação” assim como: a aprendizagem-ação, a prática reflexiva, o projeto-ação, a aprendizagem experimental dentre outras. Todas essas categorias seguem um ciclo básico: “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia uma mudança para a melhoria de sua prática, aprendendo mais no decorrer do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (TRIPP, p. 446, 2005).

A essência dos passos metodológicos da pesquisa-ação parte dos princípios da libertadora em que o diálogo assume papel primordial no incentivo da participação da comunidade. “A pesquisa-ação inclui um momento de investigação, um de tematização e por último o de programação-ação” (PINTO apud BALDISERRA, p.6)

2.1 UM RETRATO DE SANTA MARIA: POLO DE ATUAÇÃO DO PROJETO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO

A Região Administrativa de Santa Maria (RA XIII) foi regulamentada em 1992 e é resultado de um programa de assentamentos habitacionais do Distrito Federal que objetivava erradicar as invasões e contemplar as famílias de baixa renda nas políticas habitacionais.

Segundo dados divulgados pela CODEPLAN (Companhia de Planejamento do Distrito Federal) em maio de 2013, por intermédio da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios- PDAD a população urbana de Santa Maria- DF é estimada em 122.117 habitantes. Deste total, a maior parte da população (51,20%) é constituída por mulheres e 67,34% por pessoas em idade ativa de 15 a 59 anos.

A maioria dos moradores de Santa Maria-DF é nascida aqui no Distrito Federal enquanto 47,12% são imigrantes advindos principalmente da região nordeste em especial, dos estados do Piauí e Maranhão. O grande surto de imigração destes moradores para o Distrito Federal ocorreu em meados de 1971 a 1980 e depois entre os anos 1991 a 2000.

Na cidade, 97,65% dos domicílios possuem abastecimento de água pela rede geral e 99,85% contam com o fornecimento de energia elétrica. Um dado que nos chama a atenção, e que serve de alerta para a saúde pública é que apenas 81,67% das residências consomem água potável, um número expressivo das residências (13,05%) não possui qualquer tipo de filtro em casa nem mesmo os mais rústicos.

O serviço de rede de esgoto sanitário atende 91,50% das residências e a coleta de lixo abrange 97,94%. Porém, a taxa de esgoto e entulho a céu aberto na cidade é de 15,40% enquanto as áreas com erosão compreendem 4,99%.

A maioria dos moradores de Santa Maria-DF declara-se na pesquisa de cor parda ou mulata (52,32%), acompanhados pelos moradores de cor branca que correspondem (43,19%). Com relação aos aspectos religiosos, 58,01% da população declaram-se católicos e 33,71% são evangélicos seguidos por

6,21% da população que se considera ateus. Os indivíduos com outras religiões foram poucos expressivos na pesquisa.

2.2 CONHECENDO E ME ENVOLVENDO NO MOVIMENTO SOCIAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E NO CAMPO FÉRTIL DA EDUCAÇÃO POPULAR

Minha primeira visita ao projeto de Economia Solidária e Educação, ocorreu no dia 02 de outubro de 2010 e, esta ativa participação perdurou por dois anos. O encontro foi realizado na FE 5 (Faculdade de Educação) e a professora Sônia apresentou à turma a estrutura do projeto e as suas fases. O Projeto 3 subdividido em 3 fases: A,B,C é responsável por inserir o estudante no universo da Economia Solidária e Educação Popular oferecendo o referencial teórico necessário para a atuação nas comunidades.

O Projeto 4 subdividido nas fases 1 e 2 é o amadurecimento do estudante, etapa esta onde o mesmo começa a delinear e iniciar suas observações e pesquisas que culminarão na elaboração do Projeto 5 -Trabalho de Conclusão de Curso.

Quando iniciei a minha participação no projeto, o mesmo estava passando por várias mudanças. Anteriormente, o trabalho era realizado na comunidade de São Sebastião, mas a professora Sônia recebeu o convite da comunidade de Santa Maria-DF para levar a proposta do projeto para a população da cidade.

Os nossos encontros passaram a assumir a dimensão teórica e prática, pois em sábados alternados íamos à comunidade de Santa Maria-DF e em outros nos encontrávamos na UnB para aprofundarmos o referencial teórico da Economia Solidária com a leitura de obras, elaboração e apresentação de seminários, aulas expositivas e palestras que tratavam de experiências de Economia Solidária.

Ainda no mês de outubro de 2010 realizamos a nossa primeira visita a campo na cidade de Santa Maria-DF. Como o projeto estava em fase de

amadurecimento muitas de nossas saídas ocorreram sem o apoio do transporte da UnB. Para tanto, realizávamos “carona solidária” para não faltarmos o compromisso com a comunidade. Outro fato também constante era a UnB fornecer micro-ônibus, transporte pequeno para a quantidade de alunos matriculados no projeto.

Nossas primeiras reuniões com a comunidade de Santa Maria-DF ocorreram no Centro de Ensino Médio 417, sempre aos sábados pela manhã. A escola estava aberta a toda comunidade para que pudessem se expressar a respeito das demandas e propor mudanças para a cidade. Estava presente nestes encontros além dos estudantes da UnB orientados pela professora Sônia, líderes de associações e moradores da cidade.

Este primeiro momento foi de escuta onde nós, membros da academia procuramos dar voz a comunidade. Foi um estágio também de fortalecimento das relações, em especial da confiança onde a comunidade pode perceber a horizontalidade da relação que seria estabelecida. A própria disposição dos nossos encontros, sempre em círculos estavam de acordo com a proposta haja vista que assim, todos os sujeitos podiam se ver e expressar seus pontos de vista sem que alguém fosse o detentor e manipulador da palavra.

As principais queixas dos moradores de Santa Maria-DF diziam respeito à ausência do governo na cidade, o que ocasionava um aumento na criminalidade com a inserção cada vez maior dos jovens e adolescentes na participação dos crimes e no uso e tráfico de drogas.

Para nos tornarmos mais próximos da realidade da comunidade, fomos a campo conhecer as principais demandas. Visitamos o Condomínio Porto Rico considerado a “maior favela” de Santa Maria-DF, onde vivem várias famílias em situação precária com a ausência de: água encanada, tratamento de esgoto, infra-estrutura nas residências, empregos, creches e escolas. Há uma demanda relevante de moradores inclusive de crianças, que estão à espera políticas públicas que possam inseri-los na sociedade, políticas essas que incluem ações de saúde, segurança, moradia, educação dentre outras.

São crianças fora da escola e passando fome em contato com animais, adolescentes sem perspectiva de vida muitas já mães de muitos filhos e homens que buscam o sustento da família por meio da coleta e da reciclagem de materiais quando encontram pelas avenidas de Santa Maria-DF.

Todos esses problemas foram apontados pelos próprios moradores que nos receberam nas portas de suas casas com um olhar de esperança e, dialogaram conosco por algumas horas na manhã de sábado.

Abaixo seguem alguns registros desse momento:

Figura 1: Residência localizada no Condomínio Porto Rico. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 2: Residência localizada no Condomínio Porto Rico. Fonte: Acervo pessoal



Figura 3: Estudantes conhecendo a realidade do Condomínio Porto Rico.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 4: Moradores conversando com os estudantes. Fonte: Acervo pessoal



Figura 5: Crianças brincando em local sem qualquer infra-estrutura. Fonte: Acervo pessoal



Figura 6: Falta de infra-estrutura no Condomínio Porto Rico. Fonte: Acervo pessoal.



Após conhecermos um pouco da realidade do Condomínio Porto Rico visitamos também a feira da cidade de Santa Maria-DF que estava abandonada com: poucas lojas funcionando e gerando renda para a população, nenhuma atividade cultural e ainda segundo relato dos moradores durante a noite tornava-se ponto de prostituição e tráfico de drogas.

Figura 7: Painel localizado no centro da feira. Local onde deveriam existir atividades culturais. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 8: Pequeno grupo de moradores frequentadores da feira. Fonte: Acervo pessoal.



Depois de um sábado de profunda escuta, onde a comunidade ganhou voz e pode expressar e nos apresentar a realidade vivida pelos moradores de Santa Maria-DF retornamos para a UnB cheios de dúvidas e perspectivas a cerca do trabalho que poderia ser realizado.

Em conversa com a comunidade, ficou acordado que nos reuniríamos novamente depois de duas semanas no Centro de Ensino Médio 417, pois os líderes comunitários de Santa Maria-DF tentariam mobilizar um número maior de moradores por intermédio da divulgação e nós estudantes, teríamos um momento privilegiado de estudo na UnB sobre os pilares da Economia Solidária.

No próximo sábado precisamente no dia 30-10-2010, nos encontramos na UnB e como combinado não houve saída de campo, pois a professora Sônia destinou este momento para que pudéssemos conhecer os sentidos da Economia Solidária e os seus pilares que seriam os norteadores do projeto desenvolvido na comunidade de Santa Maria.

A Economia Solidária apresenta-se como um projeto socialista de esquerda em defesa dos trabalhadores contra a exploração do trabalho humano que visa o redimensionamento nas relações Estado, mercado e

sociedade civil. No campo social é um novo modo de organizar as relações sociais configurando-se como um modelo antiutilitarista que fortalece os vínculos a partir da solidariedade e da cooperação por intermédio da horizontalização das relações. Outro princípio que tem se tornado base para a Economia Solidária é a **Dádiva**: que simploriamente pode ser representada por três pilares: Dar- receber- retribuir.

Mas, as maiores contribuições da Economia Solidária para a sociedade é no campo das subjetividades na qual há uma busca e valorização das identidades pessoais e coletivas com a escuta das histórias de vida onde muitas são “biografias atormentadas”. O aprendizado é compartilhado, os sujeitos da educação são os trabalhadores e o eixo de conhecimento é o próprio mundo do trabalho. Reeduca-se no seio das relações para apreender a conviver em grupo.

Esquemáticamente os pilares da Economia Solidária podem ser assim expressos:

COOPERAÇÃO	SOLIDARIEDADE
AUTOGESTÃO	VIABILIDADE ECONÔMICA

Estes seriam os nossos eixos norteadores na comunidade de Santa Maria-DF ancorados nos princípios da Educação Popular:

1. Leitura de mundo: perceber as necessidades populares ouvindo a comunidade;
2. Compartilhar o mundo lido;
3. Reconstruir o mundo lido: apresentar para a comunidade os princípios da Economia Solidária, se assim eles desejarem.

Nós da universidade, não construiríamos um plano de trabalho a ser aplicado na comunidade, mas este seria um processo dialógico, construído coletivamente.

2.3 UM ENCONTRO INESQUECÍVEL

No dia 6 de novembro de 2010, nos reencontramos em Santa Maria, no Centro de Ensino Médio 417. Chegamos à cidade por volta das 09h30min. e, aos poucos foram chegando os líderes comunitários e os moradores interessados em discutir e elaborar propostas de mudanças na cidade.

Sentamo-nos em um grande círculo e cada um foi se apresentando, dizendo o seu nome e o que fazia. Os líderes comunitários tiveram a oportunidade de relatarem o trabalho que realizavam. Foi aí então, que conhecemos D. Amparo. Depois de sua fala, os rumos do projeto foram remodelados.

D. Amparo é presidenta da Associação Atlética de Santa Maria-DF-AASM que iniciou suas atividades em 1995 e foi fundada em 1998 por ela e um pequeno grupo de moradores. Indignados ao verem os jovens da cidade se distanciarem dos estudos e, se envolverem com as drogas e a criminalidade criaram o projeto: “Bola no pé e escola na cabeça”.

A instituição não conta com o apoio do governo e além de fornecer atividades esportivas para as crianças de 7 a 17 anos, também ministra oficinas e cursos de capacitação para os adultos. A única exigência para a participação das crianças e adolescentes nas atividades é a frequência e o desempenho acadêmico.

Mas como foi pontuado pela D. Amparo, a Associação enfrentava muitas dificuldades: desde a falta de recursos financeiros e humanos até a ausência de parceria o Governo do Distrito Federal (GDF) e a Administração de Santa Maria-DF. A Associação estava sobrevivendo da boa vontade de alguns moradores da cidade que voluntariamente ministravam as oficinas para que as mesmas não ficassem paradas, como ocorreram com muitas atividades da instituição.

Após a rica e comovente fala de D. Amparo, e o entusiasmo e engajamento demonstrados por ela no seu trabalho realizado, em conjunto com

os moradores e líderes da cidade decidimos que levaríamos a proposta do projeto de Economia Solidária e Educação para a Associação Atlética focando assim, nosso campo de atuação.

Nossa proposta inicial em primeiro plano era: tornar a participação comunitária mais ativa na Associação, sem que este processo fosse apenas utilitarista: fazer os cursos e nada mais. Os pais e alunos teriam que colaborar com o funcionamento e a gestão da mesma. Esta colaboração não se resumiria ao pagamento de uma taxa, mais ao engajamento no crescimento e fortalecimento da ONG. Para tal proposta, no nosso próximo encontro, que já fico pré-estipulado que seria na Associação Atlética de Santa Maria, a presidenta Amparo convocaria todos os alunos, professores, sócios e pais para discutirem conosco o plano de trabalho que seria aplicado.

2.4 A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE COMUNIDADE E UNIVERSIDADE

Sábados se seguiram e nos encontramos na Associação Atlética, muitas crianças estavam presentes, alunos das oficinas e professores além da presidenta D. Amparo. A professora Sônia iniciou o dia explanando a proposta do projeto e as contribuições que nós da academia poderíamos fornecer a comunidade. Deixou bem claro, que a universidade não poderia contribuir com recursos financeiros, mas, a partir do nosso campo de estudo poderíamos auxiliar a comunidade e a Associação a gerar suas próprias divisas (viabilidade econômica) a partir da reestruturação das relações vigentes na instituição.

Animados com a oportunidade de mudança, todos aceitaram a parceria entre universidade e comunidade. O próximo passo então, foi elaborarmos a nossa proposta de ação.

Em grupo, discutimos a atual situação da ONG não apenas do panorama das dificuldades, mas das potencialidades também.

Partimos das seguintes demandas:

O que a Associação tem de bom...

- A Associação Atlética capacita um grupo de pessoas para o mercado de trabalho;
- Todas as crianças que participam das atividades recebem alimentação e estão fora da rota do tráfico de drogas, além de apresentarem um bom rendimento escolar;
- A monitora do curso de manicure montou com o auxílio das mães uma brinquedoteca para as crianças ficarem durante o curso das mães;
- Na oficina de pintura em tecido há uma intensa participação da comunidade;
- Havia a participação voluntária de alguns professores, que mesmo sem remuneração, dedicavam-se fielmente as atividades.

A Associação possuía oito setores (nem todos em funcionamento) mas que se articulam entre si: Informática, Esportes (Futebol, Karatê, Kik Boxe e Capoeira), Produção (corte e costura, pintura em tecido, artesanato), Educação (reforço escolar, língua estrangeira e EJA), Serviços (cabeleireiro e manicure), Cultura (Hip Hop e teatro) a Biblioteca e por fim, a própria Associação em seu caráter institucional.

O que falta na Associação...

- Os computadores do laboratório de informática queimaram o que dificulta a realização desta atividade.
- Não há parceria com a escola, nem com a Administração de Santa Maria.
- Os associados e professores não possuem uma visão empreendedora.
- O espaço físico encontrava-se desorganizado e, com o mobiliário depredado.
- Os documentos da ONG que guardavam toda a sua história desde o seu surgimento em 1995 encontravam-se abandonados e amontoados em uma sala.

- Falta de uniformes e equipamentos para algumas atividades.
- Várias atividades estavam paradas: Capoeira, Reforço escolar, EJA, língua estrangeira (inglês), teatro e artesanato.

Em suma, a partir dessas demandas da ONG, o grupo percebeu que a melhor estratégia para discutir as dificuldades e pensar propostas para cada setor, tendo como objetivo central o desenvolvimento da Associação era por intermédio da criação de grupos de trabalho. Estes grupos (GT's) constituídos tanto por alunos como por pessoas vinculadas à ONG, ficariam responsáveis por articular propostas concretas que pudessem solucionar ou amenizar as demandas vigentes.

Como o projeto de Economia Solidária e Educação concede a oportunidade de estudantes de outros cursos, além da Pedagogia atuarem nas comunidades tínhamos um grupo bastante heterogêneo com estudantes de: Artes Plásticas, Ciências Contábeis, Biblioteconomia, Letras e Engenharias. Essa pluralidade de pensamentos e atores permitiu várias visões e múltiplas estratégias para contornar as dificuldades da ONG.

Vale ressaltar, que a composição do trabalho em GT's não afastou os membros nem mesmo, centralizou os problemas e fragmentou a Associação. Porém, permitiu a todos pensarem sobre a sua realidade e a sua importância no funcionamento da ONG conhecendo melhor as suas particularidades e o grupo como um todo.

A formação dos GT's era de acordo com o interesse de engajamento de cada pessoa e não simbolizava algo fixo, pois, se o sujeito não sentisse interesse em discutir determinada demanda estava livre a participar de outro grupo de trabalho.

Os grupos de trabalho se constituíram nos seguintes: 1. Futebol, 2. Pintura, 3. Artes marciais, 4. Tecnologia, 5. Reciclagem, 6. Biblioteca, 7. Revitalização do espaço, 8. Salão de beleza, 9. Costura e 10. EJA.

Estabelecidos os grupos, nosso encontros passaram a ter três momentos básicos: um primeiro momento, na chegada, nos reuníamos em

roda no salão central da ONG para compartilharmos novidades, dúvidas, assistirmos vídeos e lermos referenciais de Economia Solidária e Educação Popular. Em seguida, fazíamos um lanche coletivo de responsabilidade de cada grupo a toda semana. Este era um momento privilegiado para estreitarmos os laços e dialogarmos. Logo após, nos reuníamos nos GT's para discussão e, no final abríamos uma grande roda para que cada grupo de trabalho relatasse o que foi produzido durante o dia e os encaminhamentos para o próximo encontro. Neste momento podíamos expressar nossas angústias a respeito do trabalho realizado e opinarmos sobre o trabalho realizado nos GT's. Além disso, era um momento de conhecermos como se direcionava o processo de desenvolvimento da associação podendo conhecer cada espaço de funcionamento.

2.5 GRUPO DE TRABALHO: REVITALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS – A PRIMEIRA TRANSFORMAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO

Minha participação nos grupos de trabalho foi extremamente diversificada. Inicialmente, meu engajamento foi no GT da revitalização dos espaços da Associação, em seguida no grupo das artes marciais e por fim na biblioteca.

Sem dúvida, a demanda mais visível da ONG era a desorganização de todos os espaços e o sucateamento do mobiliário.

O salão principal onde ocorriam os nossos encontros e as aulas de EJA estava com as cadeiras e armários quebrados, com o quadro negro parcialmente destruído e com a disposição desorganizada dos móveis. Todos os livros da biblioteca encontravam-se abandonados em um canto da instituição recebendo poeira e umidade. Estes livros foram doados pela comunidade, mas nunca estiveram à disposição dos mesmos pelas condições que se encontravam.

A fachada da instituição estava depredada e a horta na entrada principal se tornara um matagal.

A sala de informática era um grande depósito de computadores e de fios que impossibilitavam a realização das aulas. Além disso, o espaço destinado ao salão de beleza encontrava-se fechado pela desorganização da estrutura.

Em conjunto, todos envolvidos no projeto decidiram que a revitalização do espaço era algo emergencial e que refletiria numa nova visão sobre a Associação. A partir dessa constatação, realizamos um mutirão que se concretizou em dois sábados respectivamente nos dias 04 e 11 de junho de 2011. Iniciaram-se pela manhã tendo os trabalhos finalizados no final da tarde por volta das 17 horas.

Os materiais utilizados no mutirão foram trazidos pela comunidade ou reaproveitados. Nada foi comprado. A partir da contribuição de cada um, o trabalho se desenvolveu de maneira brilhante onde efetivamente foram aplicados os princípios da sustentabilidade, solidariedade, cooperação e a dádiva.

Utilizamos muitas garrafas pet, caixas de leite, caixotes de madeira, revistas e jornais. Como tínhamos no projeto um discente formado em Artes Plásticas que havia implementado em uma escola pública da Vila Planalto um projeto de revitalização a partir de materiais reciclados, ele nos apresentou muitas estratégias de reaproveitamento dos recursos de maneira criativa. Logo, garrafas pets se transformaram em sofás para a brinquedoteca, as gravuras de revistas e jornais decoraram a porta do salão de beleza, os caixotes de madeira reestruturaram a moldura do quadro negro, das mesas e cadeiras do salão principal. As caixas de leite se transformaram em carrinhos e outros brinquedos para compor o acervo da brinquedoteca e em belíssimos vasos de flores.

A entrada principal da ONG também foi revitalizada. O matagal que se instalava na entrada e que antes constituía uma horta foi cortado e ali foram plantadas várias flores e hortaliças que reforçavam a alimentação das crianças e jovens.

Um movimento muito importante no dia do mutirão foi a recuperação dos documentos da Associação que registravam a história instituição. Estes documentos estavam todos abandonados em uma sala há anos. Com o auxílio da D. Amparo, os recuperamos e organizamos toda essa documentação.

A Associação Atlética de Santa Maria foi reconstruída de fato pela comunidade. Para marcarmos este momento tão especial na história da ONG e de todos nós envolvidos nesse processo construímos um lindo painel de madeira que se instalou na entrada da instituição. Nele escrevemos os nomes dos elementos fundamentais nessa transformação: UnB, Associação Atlética de Santa Maria e Economia Solidária.

Neste processo de revitalização dos espaços da AASM, trabalhamos dentro de dois pilares fundamentais da Economia Solidária: a cooperação e a solidariedade. Unidos pelos mesmos ideais e desprovidos de qualquer auto interesse, objetivando apenas o bem comum praticamos a solidariedade de caráter reflexivo definida pela:

...possibilidade de se cooperar para o bem de si e de todos, melhorando a vida de todos, junto com a própria vida. O sujeito solidário mostra a competência de pensar em si, no outro e no mundo (SILVA, SILVA, p.6)

É importante salientar que este processo de revitalização não refletiu apenas nos aspectos estruturais da Associação. Mas foi o primeiro passo de uma grande transformação e de um novo olhar para a instituição. Com os resultados, todos se sentiram mais motivados a participar de forma ativa das outras mudanças necessárias para transformar a ONG um espaço comunitário, educativo e democrático e que acima de tudo cumpre o papel social retirar as crianças e jovens da zona de risco da violência e das drogas. Cada um fez-se sujeito histórico e transformador. Assim:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na "inversão da práxis", se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (FREIRE apud GUERRA E CRUZ, 2009,p.92)

Com a ONG devidamente organizada e principalmente motivada, seguimos com as discussões dos grupos de trabalho e neste momento, me integrei às demandas do grupo das artes marciais.

2.6 GRUPO DE TRABALHO DAS ARTES MARCIAS: O ESPORTE COMO ESPAÇO EDUCATIVO DE OPORTUNIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

São incontestáveis os ganhos que o esporte pode trazer à vida das crianças e jovens. Não se tratando apenas dos aspectos relacionados à saúde que competem para uma vida saudável além dos sócio-afetivos, que são contribuições relevantes. O esporte é um espaço educativo onde as relações de responsabilidade, cooperação e respeito a si e ao próximo são trabalhados rotineiramente, e os aspectos subjetivos que tratam da autoconfiança. Torna-se, portanto, um espaço de resistência dos conflitos com a lei principalmente em localidades de vulnerabilidade social.

Ancorados nessa visão do esporte como um espaço pedagógico e de transformação social, o grupo das artes marciais buscou articular estratégias para motivar os jovens e o professor que participavam das atividades, fortalecendo os vínculos entre eles além de colocar em discussão e reflexão a realidade vivida pelos mesmos.

Na Associação já foram ministradas aulas de Capoeira e Kik Boxe, mas, estas duas atividades encontravam-se sem funcionamento por falta de professores. As aulas de Karatê eram as únicas que estavam sendo ministradas e ocorriam nas segundas, quartas e sextas-feiras das 19 às 20 horas.

As aulas estavam sendo ministradas pelo professor Pedro, um jovem morador de Santa Maria que acredita na força do esporte para educar e tirar as crianças da rua. Pedro tinha um estreito vínculo com os alunos porque os conhecia desde a infância, portanto procurava transmiti-los sua experiência de jovem batalhador, trabalhador e livre da criminalidade.

Segundo o professor eram 10 alunos frequentes nas aulas. Mas pela falta de estrutura no salão onde as aulas aconteciam e pela não graduação dos alunos os mesmo encontravam-se desmotivados e muitas vezes faltavam às aulas.

Nossa primeira estratégia foi incluir os alunos também no campo das nossas discussões para que eles fossem protagonistas das ações.

Em seguida, tornamos o salão onde ocorriam as aulas um local mais atrativo e também um espaço de conhecimento. Por intermédio de pesquisas realizadas resgatamos o histórico do Karatê, seu sistema de graduação e as principais habilidades trabalhadas nesta arte e por meio de registros: cartazes e desenhos construídos coletivamente um novo ambiente para as aulas.

Realizamos alguns círculos de discussão com vários temas geradores propostos pelos jovens. Eram temas que abrangiam: a sexualidade, as drogas e a escola. Sempre numa atmosfera de escuta e não no julgamento de valores, desenvolvíamos nossas conversas que a cada encontro tornava-se instigante para os jovens. Neste processo:

A Educação Popular acompanha, apóia e inspira ações de transformação social. Nela o processo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, este volta a ela para transformá-la. (WERTHEIN apud PEREIRA E PEREIR,2010,p.73)

A capacidade de refletir criticamente a realidade vivida constitui-se em um dos pressupostos da educação haja vista que ensinar não é transmitir conhecimentos. Mas: “criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE,1996, p.21)

Nesta trajetória ficou explicito que o pedagogo pode desenvolver sua prática para muito além dos ambientes formais, com uma transversalidade de conhecimentos. Todos interferiram no processo de aprendizagem. Hora ensinaram, hora aprenderam.

O professor Pedro conseguiu por intermédio de doações alguns kimonos (uniforme essencial à prática do Karatê) e organizou um evento (troca de graduação) que reuniu pais e alunos e mobilizou toda a Associação. Os pais puderam se envolver nas atividades da ONG além de motivarem os filhos à prática esportiva e apoiarem o esporte como um legado que transforma a mente e o corpo.

2.7 GRUPO DE TRABALHO DA BIBLIOTECA: A LEITURA E O LETRAMENTO LITERÁRIO COMO ESPAÇO DE EMPODERAMENTO

Tendo em vista a situação precária das dezenas de livros da Associação, nos reunimos no grupo da Biblioteca para discutimos como reorganizaríamos os mesmos. Inicialmente, a ONG não tinha nenhum espaço destinado à leitura mesmo tendo aulas de reforço e EJA. Os livros encontravam abandonados em um espaço ao lado do banheiro.

Este grupo de trabalho reuniu pessoas da comunidade, pedagogas e alunas de biblioteconomia, que com todo o seu aporte teórico e prático nos auxiliaram no processo de criação do espaço de leitura.

Nossa primeira iniciativa foi nos reunirmos com a D. Amparo para sabermos se haveria a possibilidade da ONG fornecer um dos espaços para criarmos uma sala de estudos e leitura. Um pequeno espaço foi cedido pela Associação, e a partir daí criamos um plano de trabalho que abrangia propostas como: a arrecadação de novos exemplares, a catalogação e organização dos livros e a concretização de um ambiente de leitura e estudo que pudesse ser um lugar acolhedor tanto para as crianças, jovens, os educandos da EJA e para a comunidade.

Figura 9: Livros amontoados na Associação. Fonte: GT Biblioteca



Figura 10: Livros localizados próximo ao banheiro. Fonte: GT Biblioteca



A maioria dos livros eram exemplares antigos, portanto desatualizados e quase não havia livros de literatura que despertassem o interesse e o encantamento nas crianças.

Para arrecadarmos livros criamos vários pólos de doações que estavam localizados no departamento de Biblioteconomia, na Faculdade de Educação da UnB, na Associação Atlética de Santa Maria e com apoio de uma página na internet no facebook.

Procuramos envolver toda a comunidade nesse processo, desenvolvendo estratégias que valorizassem a importância dos livros. Contudo, lembramos a todos que não doassem livros em péssimo estado e livros que não fosse de interesse pois voltariam a se tornar uma pilha de livros jogados nos cantos da ONG.

No nosso plano de trabalho também foram elaboradas várias propostas pedagógicas que desenvolvessem habilidades como o letramento literário e imagético, o despertar da fantasia e o encantamento das crianças pelas obras e a utilização de livros didáticos como suporte de estudos para concursos e para a alfabetização da EJA.

Essas estratégias estavam pautadas nos seguintes eixos:

Hora do conto: Contação de histórias com a utilização de diversos materiais como fantoches, bonecos e fantasias produzidas pelas próprias crianças da Associação. Esse seria um momento primordial no nosso trabalho, pois estreitaria os laços entre as crianças e os livros despertando o encantamento e desenvolvendo habilidades de coordenação motora na produção dos recursos a serem utilizados nas histórias. Vale salientar, que muitas crianças da Associação não tinham contato com livros na escola e, na maioria das vezes esse contato se restringia aos livros didáticos. As obras literárias eram pouco conhecidas.

Catálogo dos livros: Uma vez arrecadados os exemplares por intermédio da campanha, o próximo processo a ser seguido era a catalogação dos livros para que houvesse um controle da quantidade de livros existente, os gêneros a que pertenciam e também para que estes pudessem ser emprestados para a comunidade.

Cine Club: Assim como existia a necessidade das crianças se familiarizarem com os livros, havia um demanda também de inserção das mesmas à cultura do cinema. Como na Associação não havia um DVD a disposição, por intermédio do empréstimo do projetor – patrimônio da Fundação Universidade de Brasília- FUB levaríamos o mesmo aos sábados pela manhã para que os filmes pudessem ser transmitidos.

Os filmes seriam escolhidos pelas crianças e se tornariam objeto de reflexão e da realização de atividades.

Sala de leitura: Criação de um local privilegiado para o estudo. Acolhedor, tranquilo e com material pedagógico à disposição.

Com a proposta formulada e com os livros arrecadados realizamos a criação efetiva da Biblioteca. Higienizamos todos os livros e os separamos por categorias: Literatura Brasileira, Gibis, Romances, Livros de prosa e poesia e Literatura em geral.

Utilizando materiais recicláveis construímos diversas estantes de madeira para que os livros pudessem ser expostos. O local também foi pintado e aos poucos se tornou uma pequena Biblioteca.

O principal objetivo deste processo era tornar a biblioteca um espaço pedagógico de integração entre comunidade e Associação a partir da perspectiva de que os próprios moradores de Santa Maria pudessem zelar pela manutenção da mesma, e prosseguir com as atividades realizadas no espaço.

2.8 MINHAS PERCEPÇÕES DOS RESULTADOS OBTIDOS NA ASSOCIAÇÃO

Durante um ano e seis meses, o período na qual desenvolvi minha práxis pedagógica na Associação Atlética de Santa Maria, foi notável as mudanças na ONG. Mudanças de cunho político, físico, subjetivo e nas relações estabelecidas entre os atores do processo. Quando chegamos à

instituição, as decisões estavam todas centradas na D. Amparo, presidenta da Associação e a mesma tinha muitas dificuldades em compartilhar o poder e as decisões com o coletivo.

A ONG faz parte da comunidade, portanto todos os sujeitos têm direitos iguais de partilharem o poder. Como afirma Singer:

A solidariedade na economia só pode se realizar se for organizada igualmente pelos que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais. (SINGER apud GUERRA E CRUZ,2009,p.95)

A distribuição do poder entre os associados não foi um processo fácil, pois exige a recusa de alguns sujeitos aos seus ideais, a atribuição de responsabilidades a outros que estavam acomodados, e a escuta de todos os membros do grupo. Todas as ações passaram a ser discutidas e decididas no grupo, bem como as dificuldades e as potencialidades da Associação.

A comunidade mesmo que timidamente passou a participar da Associação e a alçar o desejo de mudanças na ONG. Perceberam que eles eram os principais protagonistas e que a universidade estava ali apenas para articular as propostas de transformações, mas a comunidade é que efetivamente daria continuidade ao trabalho.

Várias atividades que estavam paradas foram retomadas, algumas por intermédio de parcerias, como foi o caso das aulas de EJA. A Fundação Banco do Brasil, por intermédio do programa BB Educar e dos estudantes de Pedagogia da UnB voltaram a ministrar aulas de EJA à noite.

O programa BB Educar consiste em capacitar os funcionários do Banco do Brasil e fornecer material pedagógico para que estes possam atuar em comunidades. Houve um impasse entre o Banco e a UnB pois de acordo com a proposta do programa apenas os funcionários poderiam ministras as aulas e os estudantes de Pedagogia só poderiam observar.

Por intermédio de várias reuniões e entendendo que os pedagogos são únicos profissionais capacitados a alfabetizarem jovens e adultos e que nossa formação nos permite atuar e não ficar no campo das observações, os

estudantes da UnB decidiram ministrar aulas paralelamente às do programa BB educar. Logo, as segundas e quartas, os funcionários do banco desenvolviam suas propostas e as terças e quintas os alunos da UnB.

Observa-se que nenhuma relação é fácil, todas são perpetuadas pelos interesses de poder. Assim, a trajetória de transformação da Associação não foi um “mundo cor - de- rosa”, onde tudo transcorreu de maneira pacífica e calma. Tivemos muitos impasses, até mesmo no campo das relações interpessoais, pois alguns estudantes por não incorporarem os conceitos da Economia Solidária e educação popular tiveram dificuldades em atuar na comunidade, indo aos sábados apenas para passar o tempo, sem se engajarem efetivamente.

Quando os sujeitos não têm claro o seu objetivo político e social não se adequam ao trabalho comunitário e eles mesmos acabam abandonando o projeto, sem sofrerem pressões ou serem excluídos.

Entre todos os ganhos dessa parceria entre universidade e comunidade, sem dúvida o principal foi a descoberta de que todos nós podemos transformar nossa realidade social por intermédio da reflexão crítica e da ação coletiva.

A falta de divisas não foi o maior empecilho para a concretização das mudanças. É claro que grande parte das demandas da Associação poderiam ser resolvidas rapidamente se os recursos fossem maiores. Porém, se este dinheiro fosse doado de forma depositado de forma beneficente na ONG, a comunidade não refletiria sobre as estratégias de viabilidade economia e não se sentiriam parte do processo.

Em suma, o despertar da consciência coletiva é um processo intenso e doloroso.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmo, superando, assim, sua convivência com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita no nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta

não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE,1987,p.29)

3 EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM GRUPO DE MULHERES COSTUREIRAS EM SOL NASCENTE- DF.

Concluída as fases do projeto 3 e projeto 4 fase 1 etapas da minha formação que me dediquei ao ensino, pesquisa e extensão na Associação Atlética de Santa Maria- DF- AASM dei continuidade a área de pesquisa da Economia Solidaria e Educação Popular. Neste momento, o projeto havia se reformulado e os pólos de atuação não se restringia à comunidade de Santa Maria-DF.

O projeto estava com quatro locais de atuação dentre eles: Sol Nascente, São Sebastião, Santa Maria e Alto Paraíso.

Em São Sebastião, o trabalho estava sendo desenvolvido com jovens em vulnerabilidade social. Na Associação Atlética de Santa Maria, a proposta era continuar fortalecendo e ampliando os princípios da Ecosol e da educação popular. Em Alto Paraíso - GO, desenvolvia-se um trabalho na Eco Escola Vila Verde que com uma proposta educacional inovadora buscava integrar a comunidade escolar aos pressuposto da Economia Solidária.

A situação mais prematura se concretizava na comunidade de Sol Nascente pois, havia um grupo de mulheres costureiras que pela baixa renda familiar almejavam a geração de renda e trabalho, mas não conseguiam estruturar o grupo.

Identificando ali as fragilidades e apostando nas potencialidades do grupo de mulheres e nos ganhos que Economia Solidária pode proporcionar, me envolvi durante seis meses nesta comunidade e os resultados foram expressivos.

O trabalho foi realizado no primeiro semestre de 2013 (**20/04/2013 a 13/07/2013**) sempre aos sábados pela manhã.

A comunidade já tinha um trabalho realizado na Escola Classe 66 com um grupo de mulheres costureiras orientadas pelo líder comunitário Marcílio Sales Rodrigues. Este grupo é bastante heterogêneo e, contém mulheres que costuram: bolsas, roupas, fazem crochê, artesanato e reciclam produtos. Algumas aprenderam a costurar no projeto com o Marcílio outras, aprenderam a costurar na juventude e trazem uma vasta experiência e contribuição. De acordo com Guerra e Cruz:

Os grupos são heterogêneos e apenas as lideranças, de início, compartilham valores democráticos e de autogestão- a maioria dos trabalhadores vê os empreendimentos como uma oportunidade de emprego ou de melhora da qualidade de vida. (KIRSCH apud GUERRA E CRUZ, 2009, p.101)

O grupo apresentava-se desestruturado e desmotivado, pois parte das mulheres deixaram o projeto para produzirem e gerarem renda individualmente. As que permaneceram não conseguiam delinear um rumo para a produção nem para a geração de renda.

Os principais empecilhos eram: a falta de materiais para dar continuidade à produção e um local específico para a comercialização das bolsas. Observamos também que as bolsas não tinham um padrão definido, a combinação de cores não estava condizente com os padrões mais impostos pela moda, não tinham um bom acabamento e nenhum objeto que pudesse agregar valor às bolsas como: chaveiros, detalhes em tinta ou fuxico.

As nossas ações, portanto foram pautadas nos seguintes objetivos: reestruturação do grupo, resgate da cidadania, autogestão e geração de renda.

Fornecemos alguns cursos de capacitação para as mulheres, cursos estes que trabalharam a formação de preços, a importância do ato de planejar e da união para o sucesso do grupo.

Com o auxílio de parceiros do SEBRAE padronizamos as bolsas que serão feitas a partir dos modelos e cores mais utilizadas. Além disso, a professora forneceu o capital para a compra de materiais para a primeira coleção, que foi comercializada em setembro.

A criação de uma marca para as bolsas e do catálogo com as histórias de vida das mulheres também são propostas em construção, que representaram o trabalho e darão significado e importância de cada mulher para o grupo.

3.1UM PANORAMA DE SOL NASCENTE: A REALIDADE DO GRUPO DE COSTUREIRA

Segundo dados da Secretaria de Estado de Habitação Regularização e Desenvolvimento Urbano (SEDHAB) divulgados pelo jornal Correio Braziliense em 08 de maio de 2013, a população de Sol Nascente aproxima-se de 61 mil moradores (dados governamentais, estima-se cerca de 100 mil moradores). A comunidade começou a ocupar a região há cerca de 30 anos atrás. Mas foi no terceiro mandato do antigo governador Joaquim Roriz, em 2004 que a ocupação tornou-se algo desordenado com a imigração em massa.

Prestes a se tornar a maior favela da América Latina, perdendo somente para a comunidade da Rocinha no Rio de Janeiro, a comunidade de Sol Nascente apresenta dados alarmantes com relação à infra-estrutura, segurança, transporte e educação.

O Sol Nascente possui 406 chácaras dispostas em três setores. São três postos policiais, três escolas públicas e nenhum posto de saúde para atender a população. Com relação ao transporte público, são apenas quatro linhas que circulam na região e algumas não percorrem todos os setores por conta do asfalto precário e dos assaltos.

Grande parte dos moradores da comunidade é advinda das regiões Norte e Nordeste (72%) principalmente das cidades do Piauí, Maranhão e Bahia apenas 28% da população nasceu aqui no Distrito Federal.

O grau de instrução das famílias é extremamente baixo apenas 27% das pessoas que são consideradas chefes de família possuem o Ensino

Fundamental, 25% possuem o Ensino Médio e 4% são considerados analfabetos. Destas famílias, 52% sobrevivem com renda familiar fixa de até R\$ 500 reais e 3% não possuem renda alguma.

As casas em sua maioria são feitas de alvenaria, mas ainda há uma porcentagem significativa de casas construídas somente de madeira ou madeira com alvenaria, cerca de 10%. Destas residências, 16% foram construídas em locais propícios a enchentes, e apenas 69% são atendidas pelo tratamento de água da CAESB. A maioria da população utiliza-se de gambiarras para obter energia elétrica 46% e somente 38% são atendidos pela Companhia Energética de Brasília – CEB.

Por conta da desorganização dos endereços, os Correios só conseguem atender 13% das casas, o restante da população recorre a associações de moradores para buscarem suas correspondências. Os dados relativos ao tratamento de esgoto e a coleta de lixo são ainda mais graves, pois, 87% dos moradores utilizam fossa, apenas 2% são atendidos por rede concessionária e, somente 33% da população possuem coleta regular de lixo, porém é distante das residências.

Todos estes dados constituem o cenário da comunidade de Sol Nascente, que sobrevive com esgoto e lixo a céu aberto, além da ausência dos serviços públicos básicos. A população ainda almeja independência com relação à administração de Ceilândia, pois com uma população com um número significativo e a ausência do Estado, a cidade necessita de ações pontuais e da execução de políticas públicas.

3.2 A TRAJETÓRIA DE FORTALECIMENTO DO GRUPO DE COSTUREIRAS: A INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO POR INTERMÉDIO DA RESIGNIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES

O processo de reorganização do grupo de costureiras concretizou-se por intermédio do fortalecimento das relações entre as mulheres, na autogestão, no aprimoramento das técnicas de produção por intermédio de cursos e oficinas,

na cooperação e na valorização de cada mulher permitindo-as inserirem no mercado de trabalho gerando renda (viabilidade econômica).

Tanto quanto os processos produtivos e associativos se constituem como processos pedagógicos, também os processos cognitivos que eventualmente se desenvolvem em torno das tarefas necessárias à consolidação do empreendimento- cursos, oficinas, círculos de discussão, os conhecimentos obtidos na escola formal- produzem grande impacto sobre os processos produtivos associativos (GUERRA E CRUZ, 2009,p.96)

Encontro 01: 20/04/2013

Realizamos a visita a campo no Sol Nascente. Nosso encontro foi realizado na Igreja Batista Graça e Paz porque a Escola Classe 66 estava sendo utilizada para o cadastramento das famílias na Companhia de Habitação (CODHAB).

Iniciamos nossas atividades com uma roda de conversas para apresentarmos e conhecermos a comunidade.

Conversamos com a senhora Raimunda Antônia Alves da Silva que nos relatou que trabalha por conta própria e aprendeu a costurar com a sua irmã. Já trabalhou formalizada em uma loja na Ceilândia denominada Magali Moda Íntima, porém o chefe exigia uma produção cada vez maior.

Dona Raimunda já vendeu seus produtos em frente ao shopping Conjunto Nacional e foi para o Shopping Popular (localizado no Cruzeiro), mas o movimento era ruim. Ela deseja fazer um curso de moda íntima já que produz moda íntima e calças de academia.

A maior parte de suas vendas é no Sol Nascente e seu lucro chega a R\$1500,00.

A senhora Raimunda admite que conhece muito pouco sobre as cooperativas mas gosta de assistir programas que falam sobre empreendedorismo e negócios tais como: Pequenas Empresas Grandes negócios.

Depois da conversa com D. Raimunda, ouvimos o senhor Marcílio que é o líder comunitário e organizador do trabalho das costureiras. Segundo Marcílio, o projeto possui 130 mulheres. O grupo não conseguiu se estruturar e, a demanda de mulheres cresceu.

As mulheres produzem bolsas de tecido. A escola forneceu a primeira leva de materiais que se converteu em lucros para a compra de novos materiais.

As principais demandas eram: vender as bolsas, conseguir um local para a venda e materiais, criar uma marca para as bolsas e especializar as costureiras por intermédio de cursos de capacitação.

A nossa primeira ação foi convocar todas as mulheres do grupo para construirmos coletivamente uma proposta de trabalho. Esse coletivo descrito assim compunha-se dos trabalhadores associados (grupo de mulheres) e os universitários.

Segundo Guerra e Cruz (2009):

Apenas com finalidade analítica podemos dividir esse coletivo em dois grandes grupos, como já sugerido: os trabalhadores associados e os universitários. Os primeiros têm, diante de si, tarefas marcadas pela urgência do tempo: consolidar-se como coletivo, obter as condições de inserção no mercado (o que também pode significar obter crédito para financiamento) auferir a renda mínima necessária para a sua reprodução quotidiana, firmar-se no mercado, expandir-se de modo a melhorar suas condições de operação, de trabalho, de renda, enfim um conjunto de atividade que exige, entre outras coisas, mas basicamente gnose. Os segundos pretendem colaborar com esse processo, mas para isto eles mesmos precisam aprender: a intervir, respeitando-o grupo de trabalhadores e suas vivências, a pesquisar e a fazê-lo de forma participativa e coletiva, a desenvolver competências e habilidades próprias (de gestão, de produção, etc.) em meio ao processo.

Encontro 02: 27/04/2013

Conversamos com o grupo de mulheres para o planejamento das ações a médio e longo prazo. Decidimos no grupo as seguintes ações: as mulheres mais antigas passariam suas experiências para as demais, colocaríamos os produtos em um site para ter a possibilidade de venda por encomenda,

criaríamos uma marca para as bolsas e teríamos uma orientação do SEBRAE para avaliar e ajudar a aperfeiçoar os produtos confeccionados.

Na próxima semana, haveria uma oficina de artesanato em EVA.

Encontro 03: 4/05/2013

Realizamos uma oficina de capacitação em EVA. Durante a semana as mulheres confeccionariam produtos para serem vendidos na semana do dia das mães. As mulheres em clima de união e felicidade aprimoram suas técnicas e trocaram suas experiências. Cada uma de maneira criativa contribuiu para a construção de produtos que seriam comercializados.

Abaixo seguem alguns registros desse momento:

Figura 11: Mulheres reunidas na Oficina de EVA. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 12: Oficina de capacitação em EVA. Fonte: Acervo pessoal.



Encontro 04: 11/05/2013

Realizamos uma pequena confraternização de dia das mães junto com a comunidade. Foi um momento de interação entre as famílias, as crianças e, o estreitamento dos laços os estudantes da UnB. A construção do vínculo entre a comunidade e os discentes não é um processo simples pois exige que ambos coloquem-se no lugar um do outro em uma relação permeada pela escuta sensível e pela horizontalidade. Logo:

A intervenção dos grupos universitários faz-se ao longo desse processo é marcado por intensas sínteses no interior de cada grupo, num parto doloroso, no qual novas relações de trabalho e de vivência tentam instituir e consolidar formas novas de inserção econômica e de convívio social. Esse processo, essencialmente pedagógico, é marcado por uma múltipla dialogicidade: entre os sujeitos do processo (dos trabalhadores associados, dos agentes universitários...), da relação entre passado e futuro, entre teoria e prática, e às vezes, mesmo por processos dialéticos que antepõem formas contraditórias de ação: solidariedade interna e competitividade externa. (GUERRA E CRUZ,2009,p.102)

Encontro 05: 18/05/2013

Chegamos a Sol Nascente por volta das 09h30min. Com a presença da professora Sônia e da comunidade, decidimos algumas ações que ocorrerão no projeto a partir do dia 25/05.

Sairemos da UnB todos os sábados a partir das 08h15min. Todos deverão estar em Sol Nascente (comunidade e alunos) às 09h30min. Os alunos da UnB subdivididos em duplas realizarão cursos à distância no site do SEBRAE (www.ead.sebrae.com.br) e os transformarão em uma linguagem popular para a comunidade.

Os cursos, as datas e os responsáveis pela apresentação seguem abaixo:

1. “Sei unir forças para melhorar”

Data: 25/05

Responsáveis: Professora Sônia e Davidson

2. “Sei empreender”

Data: 01/06

Responsáveis: Thayá e Mateus

3. “Sei planejar”

Data: 08/06

Responsáveis: Priscila e Jéssica

4. “Sei controlar meu dinheiro”

Data: 15/06

Responsáveis: Luciana e Joice

5. “Sei comprar”

Data: 22/06

Responsáveis: Késsia e Stephane

6. "Sei vender"

Data: 29/06

Responsáveis: Professora Sonia e Davidson.

Depois das definições das apresentações, houve a apresentação de um vídeo pela professora Sonia sobre experiências, princípios e valores da Ecosol. Conversamos com a comunidade a respeito do vídeo e subdividimos o grupo nos grupos de trabalho.

No grupo de trabalho da costura e habilidades manuais foram apontadas pela comunidade algumas necessidades e interesse de trabalho. Com interesse de produção foram citados o artesanato e as bolsas Bag's (bolsas grandes) e a necessidade ainda é o material para produção.

Decidimos juntamente com a comunidade que as bolsas serão feitas a partir de um padrão para agradar o nosso público alvo.

O produto principal será a sacola média (43x36 cm) capaz de comportar: computadores, cadernos e atende ao público dos jovens estudantes.

O segundo produto será a sacola grande para as senhoras fazerem compras no supermercado/ feiras. E, por último, os acessórios que acompanharão as bolsas ou serão vendidos separadamente. A professora também sugeriu que providenciássemos um material de divulgação com cartões, um site ou até mesmo uma página no Facebook.

Ações para a próxima semana, a professora Sônia irá pedir autorização no DEX (Decanato de Extensão da UnB) para a venda dos produtos na universidade e o aluno Davidson que tem conhecidos no SEBRAE levará as bolsas para serem analisadas.

Encerramos as atividades por volta de 11h45min com a ausência do GT da reciclagem e com a sugestão das meninas do GT das crianças de um maior envolvimento desses integrantes no GT.

Encontro 06: 25/05/2013

Conforme combinado no encontro do dia 18/05 saímos da FE/UNB às 08h30min em direção a comunidade de Sol Nascente. Chegamos por volta das 09h15min e como parte do acordo os trabalhos foram iniciados às 09h30min. Após as boas - vindas iniciamos os trabalhos com os GT's estabelecendo que os grupos começariam a fazer o planejamento anual dos trabalhos. A professora Sônia salientou a importância desse planejamento para que haja a continuidade dos trabalhos no decorrer do Projeto, independente daqueles que entrem ou saiam do projeto.

Em seguida ao ajustamento das condutas a serem realizadas pelos GTs, conforme foi combinado a professora passou para a comunidade e para os alunos o primeiro curso do SEBRAE : Sei unir Forças para Melhorar juntamente com orientações ao grupos voltadas para o desenvolvimento de ações direcionadas a geração de Renda, Trabalho e Cidadania.

Dando continuidade, os grupos foram divididos para que cada qual realizasse seus planejamentos de acordo com as orientações. Faltando meia hora para o encerramento dos trabalhos, voltamos a nos reunir e num grupo maior compartilhando o que cada GT tinha realizado no dia e qual as diretrizes a serem realizadas nos encontros dos meses de junho e julho. Por volta das 12h00min horas os trabalhos foram encerrados, devendo cada coordenador postar na plataforma o planejamento dos trabalhos, para que os alunos possam interagir com os GT's do Projeto.

Encontro 07: 08/06/2013

Foi realizada uma oficina de capacitação denominada: "Formação de preços" com o estudante de Ciências Contábeis Andre Porfírio de Almeida. Como problemática foi apontada no curso: Qual o valor dos produtos que serão vendidos? Qual o valor ideal para a compra dos materiais?

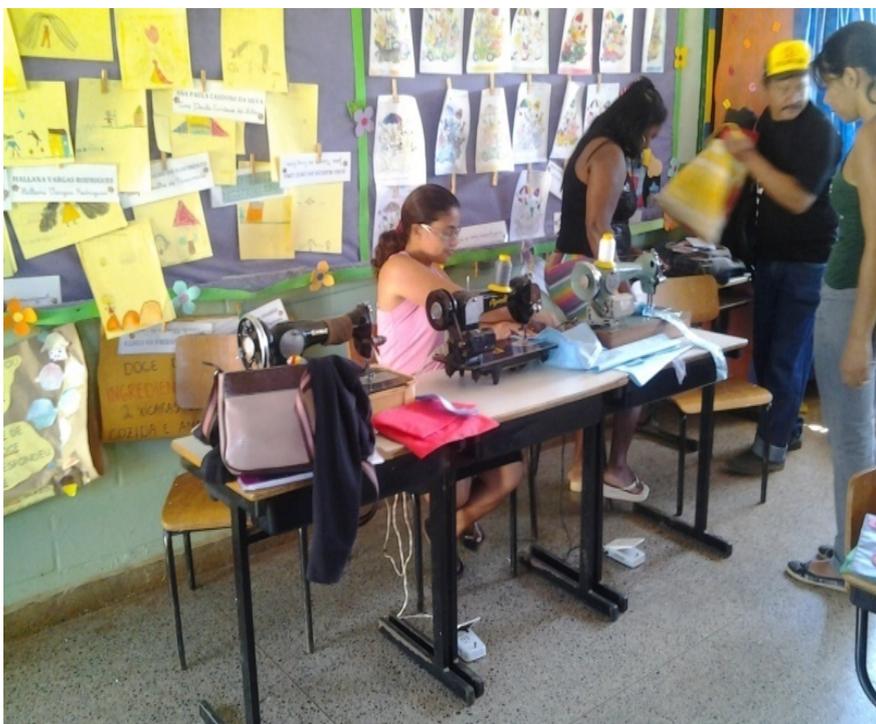
Nestas questões podemos ter como base para nossos questionamentos a pesquisa dos preços dos materiais. A procura do menor preço também deve implicar na qualidade.

O princípio central pode ser norteado da seguinte maneira: o preço de venda deve ser maior que o valor pago pela compra dos materiais que serão utilizados para produzir os produtos.

Orientações práticas: Veja o valor que o produto está sendo vendido no mercado, não eleve demais o valor dos produtos para venda, tente manter um preço favorável, sempre tenha produtos disponíveis para vender, buscar sempre comprar materiais baratos para conquistar lucro, não vender em qualquer lugar nem a qualquer preço e na Economia Solidária o preço produto também inclui o preço da força de trabalho.

Após a oficina as mulheres realizaram os moldes e modelos padronizados das bolsas para começarmos a produzir a primeira coleção.

Figura 13: Mulheres na produção das bolsas. Fonte: Acervo pessoal.



Encontro 08: 15/06/2013

Chegamos a Sol Nascente na Escola Classe 66 por volta das 09h45minh. Iniciamos o dia com a oficina de capacitação do SEBRAE: “Sei planejar” com as alunas Jéssica e Priscila.

O objetivo central do curso é destacar a importância do ato de planejar as ações nas pequenas empresas.

Subdividimos o grupo da costura em 2. Um grupo ficou responsável pelo planejamento das bolsas e o outro pela elaboração do catálogo de Economia Solidária que resgata as histórias de vida das mulheres envolvidas no projeto.

O catálogo será composto pelas seguintes perguntas norteadoras: nome, data de nascimento, cidade natal, habilidades artesanais, história de vida: educacional, profissional e familiar, fonte de renda atual e motivos que levaram ao projeto.

Conheci as histórias de vida de mulheres muito especiais, mas por questões éticas não divulgarei as informações para não expô-las.

Encontro 09: 29/06/2013

A professora Sônia disponibilizou durante a semana R\$500,00 para a compra dos materiais para a execução da primeira coleção de bolsas. O estudante Natan comprou: tecidos, tintas de tecidos, linhas e agulhas.

Ao analisarem os materiais, as mulheres perceberam que alguns dos itens comprados poderiam ser trocados então, Natan se comprometeu a ir durante a semana e fazer as respectivas trocas.

Para não haver equívocos de materiais as mulheres decidiram não abrir os materiais nem cortarem os tecidos para não haver problemas na hora da troca.

Encontro 10: 6/07/2013

O Tribunal de Justiça do Distrito Federal realizou na comunidade diversas oficinas que exigiram a participação das mulheres. Portanto, a Universidade não realizou o plano de trabalho para não atrapalhar essas ações.

Encontro 11: 13/07/2013

Tivemos a presença da Decana de Graduação da UnB **Therése Hofmann Gatti Rodrigues da Costa** e da Diretora de Desenvolvimento e Integração Regional da UnB, a professora **Inês Montangner**. A universidade por intermédio dos programas de extensão se propôs a implementar ações no projeto de acordo com as parcerias já findadas como: Fomentar cursos de corte e costura por meio do Instituto Federal de Brasília e emprestar as máquinas de costura que já foram adquiridas pela universidade para outras comunidades que não fazem mais parte do projeto de extensão. A decana deixou claro, que a UnB não tem como ajudar o projeto financeiramente somente por intermédio de parcerias.

Logo após a mesa redonda com a decana, nos reunimos com o grupo de mulheres. Já com os materiais em mãos para a produção da primeira coleção de bolsas decidimos que as mulheres produzirão as primeiras bolsas durante a semana (13-07 a 20-7) e no sábado do dia 27 decoraremos as bolsas com a temática da diversidade (gênero, etnia e sexualidade).

Esta primeira coleção será comercializada no Seminário da Diversidade que será realizado em setembro na UnB e comandado pela professora Sônia Marise.

Encontro 12: 20/07/2013

Encontro realizado na UnB com todos os pólos de trabalho (São Sebastião, Santa Maria, Alto Paraíso e Sol Nascente) para avaliação das atividades desenvolvidas durante o semestre.

O balanço dos grupos com relação às comunidades e o trabalho desenvolvido foi bastante positivo. O grupo de trabalho de São Sebastião trabalhou com aproximadamente 18 jovens em situação de vulnerabilidade social discutindo temáticas da atualidade e que permeiam a adolescência como: drogas e sexualidade. Estas atividades foram desenvolvidas em parceria com o Fórum DCA (Direitos da Criança e Adolescente).

Na avaliação do grupo, o comprometimento dos estudantes assumiu papel preponderante no sucesso do trabalho no decorrer do semestre.

O GT de Santa Maria retomou um trabalho desenvolvido pelo projeto há 1 ano e realizou suas atividades em 4 sub-grupos: artesanato, horta, crochê e reforço escolar. Segundo a avaliação dos estudantes todos se engajaram nos trabalhos do projeto a única subjeção foi a ausência da participação da comunidade.

Os estudantes que se comprometeram a ir a campo em Alto Paraíso destacaram o modelo diferenciado da proposta pedagógica da escola e elogiaram a participação em massa da comunidade escolar (pais, professores e gestores). Ressalvaram que neste semestre foram poucas vezes a campo e que o contato com a comunidade é fator primordial para o sucesso do projeto.

O grupo de Sol Nascente considerou que os trabalhos, a participação e a confiança da população no projeto tiveram avanços relevantes em relação ao semestre passado. As costureiras se tornaram um grupo mais coeso, focado e organizado. As crianças participaram efetivamente das oficinas de cidadania e, as aulas de reforço escolar desenvolvidas para os jovens ajudaram no desempenho acadêmico de muitos estudantes com defasagem escolar.

Em resumo, os trabalhos do projeto avançaram e os conceitos de Economia Solidária formam difundidos para as comunidades. Agora, a continuidade dos trabalhos depende do apoio das comunidades e do engajamento dos próximos estudantes que se engajaram ao projeto.

3.3 UM BALANÇO DO TRABALHO REALIZADO COM AS MULHERES COSTUREIRAS

A evolução dos trabalhos na comunidade de Sol Nascente é algo considerável. A participação e a confiança do grupo de mulheres no trabalho coletivo e nos preceitos da Economia Solidária são fatores que estão fortalecendo as relações interpessoais e o trabalho.

A maioria dessas mulheres teve uma infância sofrida tendo que começar a trabalhar muito cedo para ajudarem no sustento de suas residências. Venderam suas mãos de obra e foram sujeitas ao trabalho precarizado, mas hoje já conseguem enxergar um novo modelo de economia fundado na solidariedade e valorização da cidadania.

O grupo se estruturou, conheceu a necessidade de padronizar os produtos e produzir com excelência e o principal: compreendeu que a união e a experiência de todas as mulheres produzem o crescimento e o sucesso do grupo.

Antigamente, as mulheres tinham uma relação utilitária com o projeto. Aprendiam a costurar com as outras mulheres e saíam do projeto para produzirem individualmente e obterem o seu próprio lucro. Muitas mulheres foram itinerantes no projeto e fizeram este percurso. Porém, as mulheres que permanecem acreditam no potencial do grupo e na solidariedade, no trabalho e na geração de renda.

Elas sabem que este não será um percurso rápido e que a geração de renda é um processo que necessita ser consolidadas com a divulgação dos produtos, qualidade das bolsas e posteriormente a criação de um local fixo para a comercialização da produção.

A autogestão do grupo está sendo trabalhada a cada dia para que com a saída da comunidade acadêmica o grupo possa se manter dentro dos princípios da Economia Solidária.

Está ocorrendo uma mudança significativa na postura dos líderes políticos e comunitários (Marcílio e Valmir) na medida em que estão percebendo que a Universidade não está a serviço da comunidade para financiar e fornecer dinheiro, mas para contribuir com as pesquisas, os estudos e a produção acadêmica. A escola, por intermédio dos seus gestores também começam a perceber a necessidade do envolvimento de todos para o crescimento social e político da comunidade de Sol Nascente.

Em suma, o trabalho está sendo concretizado e requer cada vez mais o envolvimento da comunidade e da escola enquanto instituição pública universalizadora de conhecimentos e formadora de indivíduos, pois o objetivo do projeto é estruturar as comunidades dentro dos princípios da Economia Solidária: cooperação, solidariedade, autogestão e viabilidade econômica e fazer com que se desenvolvam sem ação e intervenção constante da Universidade.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica como educadora social, me permitiu exercer a prática educativa fora dos muros e da formalidade das escolas ampliando, portanto, as minhas concepções de mundo, da construção do conhecimento e do papel de atuação do pedagogo.

Toda esta prática permeada pelo trabalho coletivo não foi algo fácil. Foi preciso aprender a respeitar a cultura do outro, os diferentes modos de viver e a pluralidade de opiniões, sempre deixando de pensar no individual para almejar o bem do grupo.

Até a falta de engajamento político e ideológico de alguns sujeitos apresentou-se por vezes como um empecilho ao nosso trabalho porque quando não tratamos como pessoas comprometidas com as lutas sociais e como as propostas de mudanças, o trabalho acaba perdendo força. Lidamos também como líderes políticos que pretendendo se apoiar no nome da universidade e no nosso compromisso social almejavam fazer propaganda política e arrecadar votos.

Outro aspecto significativo foi a construção dos vínculos entre a comunidade e a universidade. Estes laços não foram constituídos superficialmente. Foi fruto de um processo de escuta sensível, respeito, alteridade e busca pelos mesmos ideais e bandeiras de luta. A cada dia estes laços de estreitavam e por vezes se abalavam também.

Sem dúvidas, a proposta da Universidade por intermédio da extensão universitária e dos projetos de permitir a imersão dos estudantes nas comunidades corrobora para que nós enquanto acadêmicos de uma universidade pública federal possamos retribuir para a população toda a oportunidade a que nos foi concebida.

Durante todo o percurso do trabalho nas comunidades, a relação de ensino-aprendizagem se mostrou presente e a capacidade criativa além do

vasto conhecimento popular. Essa trajetória me remodelou enquanto educadora e ser humano.

Neste contexto, compreendi que transformar o mundo começa nas pequenas ações que tomam dimensões macro acabando por afetar a sociedade e principalmente, as estruturas vigentes.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO 3: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Concluo minha graduação em Pedagogia com a sensação de um grande sonho realizado. Sonhei, batalhei, não desisti em meio aos empecilhos e conquistei a vitória, que figura aqui também a todos os que me apoiaram nessa trajetória.

Sem dúvidas tive uma formação bem diversificada que me permitiu enxergar novos olhares para a profissão e acreditar no potencial do pedagogo.

O trabalho em sala de aula, em especial na Educação Infantil me fascina. Como já vivencio esta realidade, que se concretiza em escola particular ainda enxergo um espaço extremamente autoritário, segregador e perpetuador das desigualdades vigentes. Acredito na potencialidade do trabalho realizado nas escolas públicas com a camada da população que foi subjugada e negada o direito à educação.

Pretendo exercer a docência nas escolas públicas sejam da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal ou mesmo de cidades do entorno.

Trabalhando em sala de aula espero poder transmitir aos meus educandos todos estes ideais de mudança social permeados pelos valores de solidariedade, cooperação, autonomia e esperança aliados a ação concreta.

Como somos seres inacabados no que tange à busca pelo conhecimento vou seguir com a minha formação. Se não for possível o mestrado na área de educação na UnB, tenho inicialmente em mente, a proposta de fazer uma pós-graduação, assim que concluir a graduação.

Através do conhecimento, nós educadores nos apropriamos das nossas bandeiras de lutas, que não são poucas e podemos nos libertar e conscientizar os outros na busca pela sua libertação.

REFERÊNCIA

AMORIM, Andressa Nunes. **Economia Solidária: princípios e contradições**. Vitória, 2010.

BALDISSERA, Adelina. **“Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo”**.

Carta de princípios da Economia Solidária. III Plenária de Economia Solidária. 2003. Disponível em: www.fbes.org.br acesso em 23-11-2013

Economia solidária. Volume 1. Compilamento de vários autores.

FRANÇA, Genauto. DZIMIRA, Sylvain. **Economia Solidária e Dádiva**. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994.

GIL, Antônio Carlos. **“Métodos e técnicas de pesquisa social”**. São Paulo, 2008, 6 edição, Editora Atlas.

GONÇALVES, Thaís Joana Tito. SOBRINHO, Aparecido Pires de Moraes. **Economia Solidária: um caminho para a geração de renda e inclusão social**. Maringá, 2011.

GUERRA, Janaína da Silva. CRUZ, Antônio. **Educação popular e Economia Solidária nas incubadoras universitárias de cooperativas populares: práticas dialógicas mediadas pelo trabalho**. In: Participação e práticas educativas: A construção coletiva do conhecimento. São Leopoldo: Oikos: 2009

LAVILLE, Jean-Louise. **Economia Solidária, a perspectiva européia**.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola: 2003.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira. PEREIRA, Eduardo Tadeu. **Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível**. Campinas: Revista HISTEDBR: 2010.

POCHMANN, Marcio. **Economia Solidária no Brasil: possibilidade e limites**. IPEA, 2004.

SILVA, Edson Alex. SILVA, Jaqueline Barbosa. **Educação cooperativa: a metodologia formativa dos catadores do grupo Reciclar é Viver.**

TAUILE, José Ricardo. RODRIGUES, Huberlan. **Economia Solidária e autogestão no Brasil: síntese de uma pesquisa.** IPEA, 2005.

TEIXEIRA, Ana Carolina Cançado. JÚNIOR, Newton Gomes. MARTINS, Leila Chalub. **A Economia Solidária: sobrevivendo ao sistema capitalista?**

TRIPP, David. **“Pesquisa-ação: uma introdução metodológica”.** São Paulo, 2005.

V Plenária de Economia Solidária, 2012. Disponível em www.fbes.org.br acesso em 23-11-2013.

[http:// www.correiobraziliense.com.br](http://www.correiobraziliense.com.br) acesso em dezembro 2013

[http:// associacaoasm.blogspot.com.br/](http://associacaoasm.blogspot.com.br/) em 27 de maio de 2014.